



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE INTERCULTURAL ÍNDIGENA – FAIND
PROGRAMA PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE**



EDUARDA CARVALHO CAMARGO

**PROJETO DE VIDA DOS JOVENS CAMPONESES: UM OLHAR SOBRE A
COMUNIDADE ERNESTO CHE GUEVARA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO
CONSELHEIRO**

DOURADOS - MS

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE INTERCULTURAL ÍNDIGENA – FAIND
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE



EDUARDA CARVALHO CAMARGO

**PROJETO DE VIDA DOS JOVENS CAMPONESES: UM OLHAR SOBRE A
COMUNIDADE ERNESTO CHE GUEVARA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO
CONSELHEIRO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal de Grande Dourados, como requisito necessário para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Educação e Diversidade.
Área de concentração: Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof. Dra. Raquel Alves de Carvalho.

DOURADOS - MS

2023

C173p Camargo, Eduarda Carvalho

PROJETO DE VIDA DOS JOVENS CAMPONESES: UM OLHAR SOBRE A
COMUNIDADE ERNESTO CHE GUEVARA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO
CONSELHEIRO. [recurso eletrônico] / Eduarda Carvalho Camargo. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Raquel Alves de Carvalho.

Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande
Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Jovens camponeses. 2. Educação do campo. 3. Projeto de vida. I. Carvalho, Raquel Alves De.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR EDUARDA CARVALHO CAMARGO, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE , ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS".

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "PROJETO DE VIDA DOS JOVENS CAMPONESES: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE ERNESTO CHE GUEVARA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO CONSELHEIRO. ", apresentada pela mestrandu Eduarda Carvalho Camargo, do Programa de Pós-graduação em, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof.ª Dr.ª Raquel Alves de Carvalho/UFGD (presidente/orientadora), Prof. Dr. Rodrigo Simao Camacho/UFGD (membro titular interno), Prof. Dr. Leonardo Rauta Martins/UFRRJ (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada APROVADA. A Presidente da Banca atesta a participação dos membros que estiveram presentes de forma remota, conforme declarações anexas. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 25 de agosto de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br RAQUEL ALVES DE CARVALHO
Data: 01/12/2023 14:31:52-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Raquel Alves de Carvalho
Presidente/orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Simão Camacho
Membro Titular Interno
(Participação Remota)

Documento assinado digitalmente
gov.br LEONARDO RAUTA MARTINS
Data: 02/12/2023 08:54:12-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Rauta Martins
Membro Titular Externo
(Participação Remota)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Edson Pires de Camargo e minha mãe Eloide Aperecida Carvalho os quais eu amo muito, que além de me darem a vida sempre me incentivou a estudar e lutar pelos meus sonhos e objetivos.

Ao meu filho Emanuel Felipe C. Camargo de Barros, que é minha inspiração diária, motivo de todos os meus sonhos e dono de todo meu amor, que me enche de alegria todos os dias e que me faz acreditar que um mundo melhor é possível.

Ao meu companheiro Felipe Pereira de Barros, que sonha comigo todos os meus sonhos, que me apoia, que batalha e luta junto comigo todos os dias e que me incentiva em todos os momentos da minha vida, agradeço pela paciência e pelo apoio de sempre, e por partilhar comigo os momentos de angústias e de vitórias, sou grata a Deus por nossa família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por me permitir viver mais esse sonho. O mestrado é uma longa viagem, que possui uma trajetória com muitos desafios, incertezas, medos, alegrias, mas que não vivemos sozinhos, pois existem pessoas que fazem parte desse processo e que são indispensáveis para encontrar o melhor rumo dessa caminhada.

Caminhar esse caminho só foi possível com apoio, energia e força de algumas pessoas.

Agradeço especialmente a minha orientadora, professora Doutora Raquel Alves de Carvalho, que acreditou em mim, pela paciência e pela força, por ter me ajudado a chegar até aqui, pela orientação exemplar que contribuíram para enriquecer meu trabalho, pelo comprometimento e dedicação.

Aos membros da Banca Doutor Leonardo Rauta e Doutor Rodrigo Simão Camacho que estiveram comigo nesse processo desde a pré-banca sempre contribuindo ricamente para meu trabalho.

A minha amiga Gisele Dalla Nora que me orientou na especialização me mostrou o caminho da pesquisa, e que sempre acreditou no meu potencial, me motivando, apoiando e me ajudando em vários processos.

A minha amiga Noeli Ferreira, que foi minha professora no ensino médio que sempre me apoio em tudo e acreditou em mim, agradeço por todos os ensinamentos, muito do que sou hoje devo a você que é uma inspiração para tantos alunos seus.

A toda minha família, que fez parte desse processo, meus pais, irmãos, sobrinhos. E um agradecimento especial ao meu esposo e meu filho pela paciência e apoio diário.

Aos meus amigos, minhas amigas e colegas de profissão que me apoiaram a chegar até aqui.

Quero agradecer a comunidade do assentamento Antônio conselheiro, em especial o Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara pelo apoio e compreensão, a meus queridos alunos e jovens da comunidade que fizeram parte dessa caminhada, e por terem participado da pesquisa, sem vocês nada disso teria acontecido.

Ao grupo de coletivo do PPGT.

A secretaria Adriana Friori e ao Oscar.

Aos meus colegas de turma!

Ao MST!

Agradeço a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente com elaboração deste trabalho, que se tornou uma tarefa mais difícil do que eu havia imaginado todo amor e gratidão aos que aqui citei.

*E na Educação do Campo
Me transformei,
Me reinventei,
Fui mais longe e continuei
de onde parei.*

Deise Ribeiro (A Poeta Camponesa)

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

(Paulo Freire)

Construtores do Futuro

(Gilvan Santos)

*Eu quero uma Escola do Campo.
Que tem a ver com a vida, com a gente.
Querida e organizada e conduzida coletivamente.
Eu quero uma Escola do Campo.
Que não enxergue apenas equações
Que tenha como chave mestra: o trabalho e os mutirões.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Que não tenha cercas, que não tenha muros.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Onde o saber não seja limitado.
Que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Onde esteja o ciclo da nossa semente.
Que seja como a nossa casa, que não seja como a casa alheia.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Que não tenha cercas, que não tenha muros.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Onde o saber não seja limitado.
Que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Onde esteja o ciclo da nossa semente.
Que seja como a nossa casa, que não seja como a casa alheia.*

*Eu quero uma Escola do Campo.
Que não tenha cercas, que não tenha muros.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.
Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.*

(Cantares da Educação do Campo, MST, 2006).

RESUMO

Os sonhos da juventude do campo não estão sendo vistos com olhos diferenciados dos sonhos dos jovens da zona urbana. Isso impede que criem raízes na sua cultura, que muitas vezes é desprestigiada. Os jovens acabam não tendo oportunidades de lazer, saúde, estudo, trabalho entre outros, como acesso à informação, às tecnologias dentro do Assentamento. Mesmo com todas estas dificuldades, ainda temos vários jovens que permaneceram no campo. O objetivo deste trabalho é compreender a relação que se estabelece entre os projetos de vida dos jovens camponeses do Assentamento Antônio Conselheiro e a Educação do Campo colocada em prática na região, bem como sua repercussão na agricultura familiar/campesina. A pesquisa foi realizada na comunidade da escola Ernesto Che Guevara do Assentamento Antônio Conselheiro, em Tangará da Serra-MT. Através de estudos bibliográficos observando a questão dos conceitos do que é Educação do Campo e após as pesquisas bibliográficas, foi realizada a pesquisa de campo com entrevista utilizando questionário, destinados aos jovens do campo. Assim, foi possível compreender a importância da Educação do Campo para a permanência dos jovens do campo; discutir os motivos que levam os jovens a sair ou permanecer no campo, além da perspectiva de vida dos jovens em permanecer no campo, especificamente os que residem no Assentamento Antônio Conselheiro.

Palavras-chave: Jovens camponeses. Educação do Campo. Projeto de vida.

ABSTRACT

The dreams of rural youth are not being seen with different eyes than those of young people in urban areas. This prevents them from taking root in their culture, which is often discredited. Young people end up not having opportunities for leisure, health, study, work, among others, such as access to information, technologies within the Settlement. Even with all these difficulties, we still have several young people who stayed in the field. The objective of this work is to understand the relationship established between the life projects of young peasants from the Antônio Conselheiro Settlement and rural education put into practice in the region, as well as its repercussions on family/campesino agriculture. The research was carried out in the community of the Ernesto Che Guevara school of Assentamento Antônio Conselheiro, in Tangará da Serra-MT. Through bibliographical studies observing the question of the concepts of what is Rural Education and after the bibliographical research, a field research was carried out with an interview using a questionnaire aimed at young people from the countryside. Thus, it was possible to understand the importance of education in the countryside for the permanence of young people in the countryside; discuss the reasons that lead young people to leave or remain in the countryside, in addition to the perspective of young people to remain in the countryside, specifically those residing in the Antônio Conselheiro Settlement.

Keywords: Young peasants. Field education. Life project.

LISTA DE FIGURAS

1. Foto dos alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, juntamente com profissionais da escola	49
2. Horta Escolar.....	52
3. Aula pratica de Jardinagem e meio ambiente.....	53
4. Mapa De Localização Do Assentamento Antonio Conselheiro, Estado De Mato Grosso.....	58
5. Mapa Do Modelo De Parcelamento – “Raio De Sol”, Aplicado No Assentamento Antônio Conselheiro.....	59
6. Escola de palha.....	62
7. Escola de alvenaria.....	63
8. Vista traseira da escola.....	65
9. Vista superior da escola evidenciando as placas fotovoltaicas.....	66
10. Vista superior da escola onde é possível visualizar a região de mata com curso d’água próximo.....	66
11. Vista traseira da escola evidenciando a localização da horta escolar.....	67
12. Festa Escola Ernesto Che Guevara: Foto dos alunos que participaram do desfile 07 de setembro. Alunos do 6º ano fundamental ao 3º ano do ensino médio.....	68
13. Festa Escola Ernesto Che Guevara: Foto dos alunos que participaram da comemoração da Festa junina da Escola Ernesto Che Guevara. Alunos do 6º ano fundamental ao 3º ano do ensino médio.....	72
14. Cachoeira Salto Maciel, rio Sepotuba.....	73
15. MT 339 Assentamento Antônio Conselheiro.....	75
16. Desfile 07 de Setembro: Foto da Ala de produção agrícola e pecuária do Assentamento Antônio Conselheiro.....	77
17. Desfile 07 de Setembro: Foto da Ala Cultura, Esporte e Lazer desfile 07 de setembro, alunos Marcos e Emanuel tocando berrante.....	80
18. Desfile 07 de Setembro: Foto do carro construído para representar a Educação do Campo, desfile 07 de setembro.....	84
19. Gráfico Representativo Da Participação Dos Jovens Da Comunidade Ernesto Che Guevara Em Coletivos.....	87

LISTA DE QUADROS

1. Ocupação no período da década de 90.....	55
2. Sobre a Vida na Comunidade.....	70
3. Projeto de Vida Futuro.....	73
4. Motivos Para se Manter na Comunidade.....	75
5. Felicidade.....	77
6. Vida Boa e Qualidade de Vida.....	78
7. Oportunidades.....	81
8. Dificuldades da Vida no Campo.....	82
9. Influencia da Escola.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
CAPÍTULO 01 - JUVENTUDE RURAL: QUESTÕES PRELIMINARES	20
Juventude e o Projeto de Vida.....	30
Projeto de Vida e Expectativas em Relação ao Futuro	32
Juventude do Campo em Perspectivas	33
CAPÍTULO 02 - EDUCAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DE VALORES E CONHECIMENTOS.....	36
A Educação do Campo e a sua Importância na Construção da Formação Humana	36
Educação do Campo: Conquista e Resistência	40
Educação do Campo: Desafios e Possibilidades	42
Educação do Campo: Importância para a Permanência dos Jovens do Campo e a Construção de uma Agricultura Sustentável.	49
CAPÍTULO 03 – HISTÓRICO DA COMUNIDADE E ANALISES DAS ENTREVISTAS.....	54
História do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de Mato Grosso ...	54
Breve Histórico do Assentamento Antonio Conselheiro	57
História do C. M. E. Ernesto Che Guevara	60
Caracterizações do Público Entrevistado e Análise das Entrevistas.	67
Categorias de Análises.....	69
Entrevista Semiestruturada – Jovens Camponeses da Comunidade Ernesto Che Guevara, Assentamento Antônio Conselheiro, Tangará Da Serra/MT.	70
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Para iniciar a escrita da dissertação, farei um breve relato sobre os caminhos que me trouxeram até aqui.

Sou filha e neta de camponeses, nasci, cresci e sempre vivi da terra, e tenho raízes fortes que me mantem nela até hoje. Nasci no estado de Mato Grosso, onde minha família cultivava a terra dos outros. Acompanhei o sonho de meu pai e minha mãe de ter seu próprio pedaço de chão para produzir e sobreviver, sonho até então muito distante da nossa realidade.

Meu pai e minha mãe são paranaenses e vieram para Mato Grosso no ano de 1987 em busca de trabalho, aqui moraram em três cidades do estado: Campo Novo do Parecis, Tangará da Serra, cidade onde nasci, e em Brasnorte.

Sempre moramos em fazendas e, por isso, tivemos muitas dificuldades em relação aos estudos, pois as fazendas eram muito longe das cidades, morar na casa de conhecidos, andar mais de 5 Km a pé para pegar o ônibus escolar, entre outras situações.

Porém, isso nunca foi motivo para desistirmos. Apesar das dificuldades enfrentadas, meus pais nunca nos deixaram fora da escola, crescemos ouvindo-os dizer que a única herança que eles podiam nos dar e que ninguém poderia nos tomar era o conhecimento, e isso sempre me motivou. Minha mãe foi um dos grandes exemplos de perseverança e persistência, aos 16 anos parou os estudos porque se casou e morou em fazendas, aos 30 anos retorna para escola para concluir o tão sonhado ensino médio, o que continuo motivando-a a não desistir, assim que conclui o ensino médio ela ingressa na graduação no Curso de pedagogia, e daí por diante ela não para, conclui sua graduação e faz sua especialização, atualmente ele é professora possui graduação em Pedagogia e em História e duas especializações. Meus estudos foram todos em escola pública, continuamente vi no estudo a forma de me tornar uma pessoa que pudesse mudar a sociedade onde vivo. Motivo esse em que escolhi ser professora.

No ano de 2009, retornamos para a Cidade de Tangará da Serra, onde iniciamos um importante capítulo da história de nossa família. No ano de 2010, ouvimos boatos de que o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) estaria organizando famílias para ocuparem a fazenda Sul da Mata, localizada neste Município. Meus pais ficaram muito animados pois viram ali a oportunidade de realizar o tão sonhado desejo de ter sua terra.

Iniciamos então os trabalhos de base em 2010 e a participação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No dia 23 de maio de 2010, ocupamos o antigo frigorífico Buzanelo como acampados no atual acampamento Ernesto Che Guevara. Como acampada, iniciei também o envolvimento direto com a organização e contribuindo com o

processo de reforma agrária no município. No ano de 2011, tivemos a oportunidade de nos mudar para o assentamento Antônio Conselheiro, minha mãe passou a ser professora na E. E. Ernesto Che Guevara e fomos morar em uma casa destinada aos professores na agrovila 02. Neste período eu cursava o 3º ano do ensino médio, período também em que ajudei na organização do encontro de Jovens realizado naquele ano.

No ano de 2012, iniciei minha Graduação em História pela Universidade Norte do Paraná, única Universidade do município que oferecia o curso. As ciências humanas era uma das áreas que me encantaram. Iniciei também naquele ano a minha vida profissional na E. E. Ernesto Che Guevara como Apoio Administrativo/Limpeza. Nos anos de 2013/2014 trabalhei como Técnica Administrativa e, em 2015, como Secretária escolar, ano também em que concluí minha Graduação. Sempre contribuí e participei de todos os eventos que eram realizados na comunidade, tanto dentro do Município quanto na Capital do estado.

Ainda no ano de 2013 conheci meu esposo Felipe, com o qual divido minha vida até hoje, e no dia 09 de agosto de 2014 ganhei o maior presente da minha vida: meu filho Emanuel.

Em 2016, iniciei minha carreira como professora na escola Ernesto Che Guevara onde permaneci até o ano de 2019. Em 2016, participei do processo de Seleção para o Curso de Especialização em Educação Ambiental Campesina, pelo Programa de Educação PRONERA, na Universidade Federal de Mato Grosso, onde aproveitei a oportunidade e resolvi falar no projeto de pesquisa sobre a permanência de jovens no campo. Muito ouvia se falar sobre o êxodo da juventude, mas pouco se falava daqueles jovens que optavam por permanecer e que assim como eu via na comunidade um lugar bom para se viver e que mesmo com as dificuldades de lazer, locomoção e educação, continuavam ali.

No ano de 2016, meus pais foram assentados no Assentamento Antônio Conselheiro, ali conquistamos o tão sonhado pedaço de terra na comunidade onde já havíamos construído uma história e que já fazia parte de nossas vidas.

Durante esse período, realizamos diversos encontros de educadores da Reforma Agrária, do Sem Terrinha e da Juventude Camponesa na comunidade. Coordenei o setor regional de Educação entre os anos de 2017-2019.

Nestes 12 anos de participação no MST, morando na comunidade, cresci muito como pessoa e como profissional e, acredito que contribuí para o crescimento dos estudantes da Escola Ernesto Che Guevara e das suas famílias. Meu objetivo é continuar lutando pela melhoria da nossa comunidade e por uma Educação do Campo com mais equidade, para que os jovens camponeses possam ter uma vida no campo com mais qualidade e que possamos ver menos jovens saindo e deixando suas raízes para serem mão de obra barata nas grandes cidades.

Atualmente, continuo morando no Assentamento Antônio Conselheiro, e retorno em 2022 para a escola Ernesto Che Guevara, como professora, depois de ficar 2 anos em outra escola do campo.

Sempre foi um desejo continuar estudando e fazer um mestrado, tinha compreensão que participar de um mestrado por alternância proporcionaria continuar o contato com a comunidade onde vivo, pois a alternância nos possibilita a permanência no campo. Além disso, o mestrado vem ao encontro com as discussões da nossa comunidade, que é fortalecer a formação de sujeitos do campo e contribuir com a discussão do conhecimento científico no que diz respeito aos temas relacionados, fortalecendo a juventude camponesa e toda comunidade do Assentamento Antônio Conselheiro.

A produção do conhecimento na Educação do Campo deve ter como ponto de origem as experiências de vida, o mundo onde se vive a realidade, dessa forma favorecendo a permanência destes jovens no lugar onde nasceram e cresceram e onde muitos pretendem continuar.

Vimos que os sonhos da juventude do campo não estão sendo vistos com olhos diferenciados dos sonhos dos jovens da zona urbana. Isso impede que criem raízes na sua cultura, que muitas vezes é desprestigiada. Os jovens acabam não tendo oportunidades de lazer, saúde, estudo, trabalho entre outros, como acesso à informação, às tecnologias dentro do Assentamento. Mesmo com todas estas dificuldades relatadas, ainda temos vários jovens que permaneceram no campo.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é compreender a relação que se estabelece entre os projetos de vida dos jovens camponeses do assentamento Antônio Conselheiro, em Tangará da Serra/MT, e a Educação do Campo colocada em prática na região, bem como sua repercussão na agricultura familiar/campesina".

Nesta premissa, o campo deve ser visto pelos jovens como uma oportunidade e nele devem ser assegurados seus direitos, enquanto sujeitos do campo e da sua história. Ressaltamos que iremos relatar sobre as políticas agrárias e a falta de assistência para estes povos se manter nos locais onde nasceram e cresceram. A saída para estas gerações jovens, muitas vezes tem provocado a perda da identidade e tem contribuído diretamente para o enfraquecimento da agricultura campesina e as relações saudáveis com a natureza.

Nos objetivos específicos vamos correlacionar a importância da Educação do Campo para a permanência dos jovens do campo; identificar os motivos que levam os jovens a sair ou permanecer no campo; Investigar quais as maiores dificuldades encontradas pelos jovens que residem no assentamento Antônio Conselheiro; Discutir sobre qual é a perspectiva dos jovens em permanecer no campo/áreas de assentamento; Sugerir diretrizes para fortalecimento da Educação do Campo.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, sendo o Capítulo 1, intitulado Juventude rural: questões preliminares, é abordado a juventude e o projeto de vida, as expectativas dos jovens para o futuro. Capítulo 2, com título de Educação como apropriação de valores e conhecimentos, onde é discutido a importância da Educação do Campo para a formação humana, as características de conquista, resistência, desafios e possibilidades intrínsecos na Educação do Campo e a importância dela para a permanência dos jovens do campo, no campo. No Capítulo 3, intitulado de Histórico da comunidade e análises das entrevistas.

DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é do tipo descritivo, de abordagem qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Com a metodologia proposta, as respostas não são objetivas, o propósito, não é quantidade, mas sim compreender o comportamento do grupo entrevistado, que neste caso são os jovens – estudando as suas particularidades e experiências individuais.

Dessa maneira, a presente pesquisa foi realizada no Assentamento Antônio Conselheiro, Município de Tangará da Serra - MT, em específico na comunidade da escola “Ernesto Che Guevara”. Devido a convivência com a comunidade, sendo professora da escola, favoreceu o contato e execução das atividades.

A metodologia se deu por meio de estudos bibliográficos observando a questão dos conceitos do que é Educação do Campo, quais políticas públicas existem para a permanência do jovem nas áreas rurais, qual a importância desses jovens permanecerem no campo, importância dos movimentos sociais e da Educação do Campo para a permanência dos jovens no campo, e projeto de vida dos jovens do campo.

O método qualitativo de pesquisa se ocupa da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

Após as pesquisas bibliográficas, foi realizado coletas a partir de questionários organizados no Google Forms e encaminhados para os jovens via Whatsapp.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS; MARCONI, 2003).

As entrevistas seguiram um questionário que abordaram assuntos que nos permitiram entender os motivos pelos quais os jovens permanecem no campo/comunidade, sendo eles: respeito pelas lutas do movimento e pela formação do assentamento, oportunidade de trabalho, qualidade de vida e viver bem, quais oportunidades existentes dentro do assentamento para que os jovens não precisem sair o papel do MST na formação dos jovens de assentamento. O roteiro/instrumento de entrevista utilizado é apresentado no Apêndice I.

CAPÍTULO 01

JUVENTUDE RURAL: QUESTÕES PRELIMINARES

O envelhecimento e a masculinização do meio rural são, talvez, a expressão mais flagrante de seu declínio. É bem verdade que, nos últimos anos, as migrações de retorno de populações aposentadas e com um bom nível de renda têm contribuído para inverter processos de desagregação que pareciam irreversíveis (CROMARTIE; CALVIN, 1997). Mas, é claro que a ausência de jovens e a desproporção entre os sexos acabam por comprometer as próprias chances desta retomada.

A relação entre êxodo rural e acesso aos serviços básicos da cidadania é decisiva: os indicadores educacionais do meio rural brasileiro são, como se sabe, ainda mais precários que os do meio urbano; por sua vez, um dos piores da América Latina (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998).

Pode-se caracterizar a urbanização do rural como um processo alicerçado nas transformações das condições de transporte e comunicação, as quais rompem com o isolamento que tradicionalmente assolava as comunidades do campo. Estas novas possibilidades aproximam o rural do urbano, facilitando o acesso da sociedade rural aos produtos e serviços ofertados na cidade, enquanto melhoram significativamente a infraestrutura (energia elétrica, redes de abastecimento de água, telefonia, condições viárias) e os serviços públicos (saúde, educação) disponíveis no campo. Se somarmos a este processo a aglutinação da população em pequenas vilas e redutos urbanos, recentemente emancipados politicamente, temos um contexto em que muda significativamente o modo de vida rural (REDIN *et al.*, 2013).

Entretanto, no Brasil, a responsabilidade pela classificação urbana-rural utilizada nas estatísticas oficiais são das câmaras municipais. Para as classificações são ignoradas as relações socioeconômicas que compõem a maior parte dos municípios brasileiros e se baseiam na dinâmica produtiva e social da agricultura, transformando automaticamente pequenos distritos e sedes de municípios pouco povoadas em cidades (VEIGA, 2002). Outro ponto é a forma como as câmaras municipais definem urbano e rural em cada município, agrupando a vida rural como um remanescente do espaço urbano, ou seja: tudo que não é cidade só pode ser rural. E ainda mais distorcido, sempre que equipamentos públicos (creches, iluminação, postos de saúde, etc.) são instalados em áreas rurais, o legislativo local transforma essas áreas em áreas urbanas, tornando as áreas rurais zonas de exclusão (VALADARES, 2014).

Este êxodo dos jovens provoca uma ameaça à sucessão familiar, o que implica questionar-se sobre um provável esvaziamento do rural em um futuro próximo. Ao examinar este processo no qual a juventude rural assume a perspectiva de não permanecer no campo, as pesquisas apontam diversas motivações para este comportamento, da baixa expectativa de renda na agricultura camponesa, a falta de participação na gestão da economia familiar e a busca por melhor infraestrutura, serviços públicos e opções de lazer (REDIN; SILVEIRA, 2012). No entanto, estes autores advertem que para reverter esta tendência, além destes fatores que estimulam a saída do rural, torna-se necessário refletir sobre os aspectos que os estimulam a permanecer, pesando nas decisões da juventude rural.

A busca a inserção dos jovens no contexto do campo como forma de permanecer ou ampliar as mesmas atividades adotadas no meio rural, como forma de adotar a percepção que é possível ter oportunidades de crescimento profissional além do contexto urbano. Há riscos, no entanto, para que a sucessão não ocorra normalmente, em virtude da preocupação com a inércia de políticas públicas que incentivam as práticas no campo e pelo despreparo e desqualificação dos filhos quanto a aprendizagem dos pais (SILVA, DORNELAS, 2021).

Em trabalho realizado por Redin *et al.* (2013), as tecnologias de comunicação e informação no meio rural vista de forma isolada, apesar de seus efeitos globalizantes, são incipientes para muni-los de informação a fim de torná-los agentes ativos do desenvolvimento rural. Há o entendimento de que as juventudes rurais atuam camufladas, fornecendo ou passando a responsabilidade aos atores legalmente institucionalizados para tal ação, como a extensão rural local, os vereadores e a prefeitura local, ou seja, a gestão pública como principal ator nesse campo para mudar a realidade rural atual. Por enquanto isentam-se, pois sua ação se legitima enquanto uma entidade que prioriza a sociabilidade.

Entretanto Pádua (2021) aponta que há juventudes que se envolvem com participação política e escolarização reforçando a valorização de estratégias específicas para o desenvolvimento de movimentos sociais organizados, com esforços que vão além do desenvolvimento de ações que possibilitam fundamentar suas idealizações, bem como para construir uma formação política e técnica mais consolidada.

A escolarização influencia nas perspectivas de reprodução da atividade agrícola, uma vez que aproxima os jovens rurais a um universo particularmente voltado ao meio urbano, as atividades e as expectativas do cotidiano das cidades. Percebe-se que os valores sobrepostos na escola e sua ideologia, de maneira geral, são urbanos: “mais do que prepará-los para um retorno ao campo, a educação oferecida nos centros urbanos raramente privilegia aspectos que possam ser transpostos ou que valorizem a realidade rural” (FERREIRA; ALVES, 2009). Além disso, como argumentam os mesmos autores, o ensino rural “padece de qualidade” e demonstra muitas carências, como de estrutura, de materiais e de equipamentos. O jovem

rural em certa medida se vê estigmatizado diante da aproximação entre o mundo rural e urbano. Isso decorre do fato que o centro de análise urbano é valorativamente superior. Ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social.

Castro (2007), verifica que caracterizou historicamente o meio rural, “a falta de acesso a serviços e bens de consumo”, assim como a carente inserção de políticas públicas efetivas e eficientes de um modo geral, embora a criação da Secretaria Nacional de Juventude em 2005, a implementação do Pronaf Jovem e o Programa Nossa Primeira Terra tenham exercido interferência positiva referente à questão, mesmo que de maneira tímida. Entende-se que numa condição onde as construções simbólicas são mais notadas e manifestas isso causa maiores consequências à sociabilidade.

A partir dessa situação os jovens rurais demonstram manifestar novas demandas que se aproximam das percebidas no meio urbano. Elas se manifestam no tocante ao acesso a bens, a mobilidade, a melhoria das condições de contato social (aparência), além de contribuir nas relações afetivas e propriamente para os casamentos. Nesse sentido, alguns encontram meios de “acessar” os aspectos urbanos apenas integrando-se a ele, isto é, migrando e passando a obter renda nas cidades (CARNEIRO, 2007). Essa questão pode ser vista também como um engajamento, como refere Castro, para quem os jovens esperam e anseiam por melhores condições de lazer, melhores escolas, melhores condições de vida, tanto no campo quanto na cidade. Querem estes espaços “transformados” ou de continuidade do mundo rural.

Em trabalho realizado por Assunção; Camacho (2023), os autores concluem que apesar de todas as dificuldades apresentadas, as práticas de Educação do Campo em alternância desenvolvidas pela Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR) têm ajudado os assentados que ali estudam/estudaram a desenvolver conhecimentos que os estimulam sua participação em ferramentas de resistência camponesa, pensamento de desenvolvimento local e práticas que garantam a produção de alimentos saudáveis.

Ainda afirmam que a Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR) com as suas práticas educativas são uma ruptura com o ensino tradicional de jovens agricultores produzido pelo Estado. Os objetivos teórico-metodológicos envolventes e as práticas pedagógicas relacionaram-se com as necessidades cotidianas e profissionais destes jovens. Sua prática é repleta de lutas camponesas presentes na história e no contexto regional de cada estudante, bem como na totalidade e multidimensionalidade de sua cultura, estilo de vida, habilidades e relações socio territoriais camponesas (ASSUNÇÃO; CAMACHO, 2023).

Os anos 2000 foi um marco para as discussões históricas sobre juventude nos movimentos sociais rurais, no interior das organizações eram discutidas ações específicas sobre essa categoria. Houve a realização de vários eventos com foco na juventude rural. Os encontros tinham como objetivos a estratégia de discussão interna para consolidar e

aprofundar a importância da juventude em suas ações; e ampliar socialmente a visibilidade dos debates sobre a juventude rural associados com as pautas tradicionais da reforma agrária e crédito rural.

O histórico das discussões sobre juventude nos movimentos sociais rurais tem os anos 2000 como marco de sua maior incidência, onde ações específicas sobre essa categoria são pensadas e discutidas no interior das organizações. Por exemplo, a realização do I Congresso Nacional da Juventude Rural organizado pelo MST e Pastoral da Juventude Rural (PJR); a realização dos Encontros de Juventude do Campo e da Cidade organizados pelo MST em diferentes estados nos anos de 2002 e 2006; o I Seminário da Juventude da *Via Campesina* e VI *Campamento Latino Americano de Jovens* realizados pela *Via Campesina* em 2006 (BARCELLOS, 2015; VALADARES et al., 2016). Esse momento, com maior destaque dado a participação política da juventude nos movimentos rurais pressionou o Estado para construção de mais canais de diálogo com essa categoria. O processo de participação política da juventude fez parte de um conjunto de outras organizações dos contextos urbanos que se aliaram aproveitando uma conjuntura sociopolítica internacional favorável para se pensar as necessidades específicas das juventudes. Os encontros supracitados tinham objetivos duplos para as organizações: a) estratégia de discussão interna para consolidar e aprofundar a importância da juventude em suas ações; e b) ampliar socialmente a visibilidade dos debates sobre a juventude rural associados com as pautas tradicionais da reforma agrária e crédito rural (VALADARES et al, 2016).

Segundo a percepção de Santos, o jovem militante atuante no MST é formado por uma juventude Sem Terra com posicionamento para enfrentar os desafios impostos. Auxiliando na construção e permanência no campo, configurando-se como espaço fortalecedor de um projeto de vida entrelaçado com a história passada, presente e futura do movimento. A participação política no MST está associada na execução das tarefas com a noção de se sentirem herdeiros da luta por reforma agrária e a responsabilidade de defender seus territórios. Por esses motivos é possível pensar que a participação política da juventude rural do MST pode representar mais do que uma busca de garantia de direitos, autonomia política ou visibilidade de suas demandas e sim agregar aos significados de sua luta a defesa pelo seu território, tendo em vista a defesa de sua própria existência como pessoa (SANTOS, 2022).

O MST reconhece a importância dos jovens nos assentamentos e acampamentos, a valorização do humano é o foco principal dentro de suas políticas de construção e o jovem tem um lugar importante dentro deste contexto. A formação na Educação de Jovens e Adultos tem sido constantemente aprimorada, a constituição de escolas de nível médio e centros de ensino superior tem garantido a permanência dos jovens no campo que gradualmente, vão construindo experiências próprias que possibilitam sua incorporação ao movimento (SOUSA, 2022).

A juventude Camponesa tem brotado como um ator político e atuante no interior dos movimentos sociais do campo cujo efeito é a construção de suas novas identidades e novas relações com a terra. Atualmente, para além da imagem de jovem camponês isolado, os

jovens se asseguram como pessoas que batalham pela terra e por seus interesses em conversação com os outros e com o mundo (LOPES; CARVALHO, 2017).

Um acampamento do MST, geralmente, busca formar uma juventude específica no campo, pois carrega consigo não só a luta pela terra, mas também a continuidade do Movimento. Os jovens engajados neste processo têm entendimento da dimensão desse papel incumbido a eles e por isso buscam participar dos coletivos. Porém, ainda é um campo de disputa entre gerações, tendo em vista que os adultos ainda os enxergam como “imatuross” e “sem responsabilidade”. Os coletivos do acampamento são espaços em que os jovens se expressam e conseguem exprimir o seu significado de ser jovem, carregados de especificidades, mas que também têm em comum a luta pela Reforma Agrária e a permanência no campo. Essa juventude do campo, gerada dentro do Movimento, traz consigo a mística de tornar-se jovem, onde se constrói o sentido da luta pela terra (RIBEIRO, 2021).

Conforme a pesquisa realizada por Ribeiro, 2021, o coletivo Filhos do Chê (Acampamento Maila Sabrina, Ortigueira-PR) possibilita compreender que a militância faz parte da juventude do MST e isso só se torna possível pelo viés político assumido pelo próprio Movimento em seus espaços formativos. No entanto, os conflitos geracionais existentes no campo e nos acampamentos e assentamentos do MST, configuram um antagonismo entre uma juventude militante e uma juventude protagonista, pois nem todo militante é protagonista. Por meio das entrevistas com os jovens, percebeu-se que os mesmos entendem o sentido do Coletivo e a importância da militância jovem no Movimento. No entanto, percebem que esses espaços permanecem muito mediados pela direção, composta por adultos, sem que o protagonismo jovem nas decisões se concretize na prática (RIBEIRO, 2021).

A militância na luta por políticas públicas que contemplem as necessidades da juventude e melhorem os contextos em que vivem pode representar mais do que a procura de autonomia política, econômica e visibilidade, no caso dos jovens rurais, reverberando aspectos subjetivos de pertencimento e enraizamento com o modo de vida (ALVES et al., 2021).

Assim, diante dos contextos vividos por jovens rurais, é importante destacar o cuidado que a ciência deve ter, ao entrar em contato para pesquisar os espaços e modos de vida rurais, de forma a atentar para não reproduzir discursos que reduzam, criminalizem e marginalizem os modos de vida dos homens e mulheres do campo, mas que busquem formas metodológicas e relacionais de produzir, com estas pessoas, narrativas capazes de afirmar seus modos de viver e seus encontros com a vida política (FERNANDES, 2014).

É na família que o jovem rural tem o espaço de vida, de trabalho, de vivência e de sobrevivência. É uma comunidade afetiva (WANDERLEY, 2007). Em qualquer situação,

êxodo ou permanência, a existência da família e da propriedade rural (uma unidade simbiótica, pois o entendimento do que é a família passa pela compreensão do espaço produtivo que compõe) constitui um porto seguro, um referencial sempre a disposição dos jovens.

A força de trabalho dos jovens é importante e muito significativa na manutenção das unidades produtivas, uma vez que são dificultadas as situações de contratação de empregados nas propriedades. Os jovens estão vinculados ao trabalho, mas não a gestão e dificilmente recebem uma renda constante pelo trabalho desempenhado. Mantêm-se vinculados ao seio da propriedade rural, que estabelece um aspecto de unidade mantida graças ao esforço de todos os membros.

Em trabalho realizado por Kummer e Colognese (2013), é possível identificar a discussão de cujos resultados que permanecem desequilibrados e pouco compreendidos na forma com que se compreende a juventude rural e seus desafios quanto a permanência e dinâmicas sucessórias, ou a sua migração para cidades. Daí a necessidade da multiplicação das pesquisas nestas áreas. Entre ficar e partir atuam muitas variáveis. Mesmo porque, partir ou ficar não são alternativas que depende do contexto social, econômico e político de cada jovem, isto é, são apenas possibilidades reatualizadas a cada ponto da trajetória destes jovens rurais.

Em termos de definição compreende-se que o jovem rural é aquele que não apenas reside no meio rural, mas que o vivencia, que participa de unidade produtiva de caráter familiar, onde ocupa espaços culturalmente definidos. É o sujeito que se relaciona com um modo de ser específico, vinculado à uma realidade onde o mundo do trabalho e o mundo da vida se fundem e se confundem. Não é, ou está imobilizado nesta condição, não é refém de um espaço ou situação, é um articulador de práticas de vida como qualquer outro, embora mantenha as suas especificidades identitárias que carregam as particularidades de seu modo de vida (KUMMER; COLOGNESE, 2013).

Um problema importante que tem afetado a permanência dos jovens no campo é a falta de políticas públicas efetivas e de Reforma Agrária, reforma essa, que não basta ser redistribuição de terras, ela deve ocorrer de forma a criar mecanismo para que a família e o jovem trabalhem e permaneçam na terra. Isso porque a estrutura pública não permite que o jovem seja prioridade no acesso à terra, a exemplo, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) quando distribui lotes prioriza as pessoas que estão a mais tempo na espera e que já tenham família constituída, sendo assim, o jovem não tem perspectiva de conseguir um lote, já que passa boa parte da vida dedicando-se ao trabalho familiar. E observamos, portanto, que o caminho que ele opta para ter melhoria nas condições de vida é sair do lote para ser empregado e ganhar um salário mínimo na cidade do que tentar continuar

na luta pela terra. A falta de voz em relação à tomada de decisões e participação nos lotes da família tem se mostrado como um elemento intrínseco a essa decisão de abandonar o campo. E isso é algo que os Movimentos Sociais estão trabalhando para desconstruir, visto que, estas relações patriarcais podem influenciar na permanência do jovem no campo (RABELLO et al., 2014).

O campo em seu panorama de agricultura familiar, vem sofrendo continuamente com os mais diversos fenômenos, sendo a interrupção da sucessão uma dessas, ela é dada por vários motivos, como por exemplo: êxodo rural, envelhecimento da comunidade no campo (causada pela evasão dos jovens), entre outros (VIGANO, 2019). No que tange a evasão dos jovens, existem vários fatores que podem influenciar na saída da juventude do campo, entre esses fatores pode-se citar o reconhecimento em ser ou não da roça; o reconhecimento identitário; as redes sociais da migração; a decisão de a família se afastar ou permanecer no campo; a pluriatividade; a sucessão no meio rural (herança da terra) que indicam a importância de processos de desenvolvimento diferenciados (FARIA et al., 2019).

O fato é que quando se fala em agricultura familiar, os jovens são atores de suma importância, visto que, a unidade de produção agrícola tem identidade marcada pela gestão e o trabalho integrados à toda família. Entretanto, o jovem por conceber um período de transição acerca a sua concepção de mundo, tende a optar por não dar continuidade na produção familiar. Isso é justificado porque na atualidade há uma exigência em seguir padrões de encaixe no meio a essa categoria social. Estes jovens buscam profissões e trabalhos que não tangenciam o ambiente rural e se desprendem de suas raízes (SILVA et al., 2017). Bieger et al. (2018), afirmam que o cenário brasileiro acerca a falta de perspectiva da nova geração em conservar-se na unidade de produção familiar é alarmante. A ação migratória da classe jovem é justificada pela impressão negativa do setor agrícola e pode resultar em dificuldades de possíveis benefícios.

No trabalho realizado por Viganó (2019), o estudo auxiliou compreender, que a maioria dos jovens busca alternativas para se libertar do campo, pois, suas perspectivas na área rural são baixas. Percebe-se, ainda, que esse fator se intensifica para o gênero feminino, considerando suas dificuldades relacionadas ao controle sobre sexualidade, bem como uma cultura patriarcal que dimensiona aspectos da divisão do trabalho. Para pensarmos a reprodução social e a permanência da agricultura familiar no rural, é de suma importância refletir e debater sobre a necessidade da permanência desses jovens nas propriedades rurais. Assim, deduz que é extremamente fundamental que haja algumas estratégias, que abracem campos distintos, que valorizem o campo, com o fortalecimento social, simbólico e de sucessão, a fim de vigorar a juventude no campo e o desenvolvimento local.

Em contrapartida, no trabalho realizado por Maia et al. (2018), a maioria dos jovens entrevistados desejam a continuidade da formação profissional em curso superior na área Agropecuária (Agronomia e Veterinária) e o retorno a propriedade após essa formação. A escola dentro do assentamento tem um significado importante no processo de sucessão familiar e formação dos (as) jovens rurais, ao possibilitar que esses jovens estudem na área rural e adquiram conhecimento técnico ligado à agropecuária, que serão aplicados no exercício profissional e posteriormente ao assumirem o estabelecimento familiar.

A dificuldade de se fazer ouvir e de obter reconhecimento pelo seu trabalho talvez sejam alguns dos fatores que levaram muitas mulheres a deixarem o ambiente rural nas últimas décadas (MARTINS, 2021). Ainda segundo o autor, ao discutir o trabalho de Silva (2013), relatando a permanência de jovens mulheres no campo, traz à discussão dois temas centrais: primeiro, a autonomia econômica que as jovens conquistaram por meio da participação em atividades produtivas no âmbito familiar; o segundo, o nível educacional dessas jovens, a maioria das quais com ensino superior ou pelo menos em processo. Tais elementos falam das mudanças materiais que ocorreram no ambiente rural durante a última década e meia, que afetaram a permanência no campo e a qualidade dessa permanência. Os exemplos incluem o aumento do crédito rural, a criação de programas de compra de produtos da agricultura familiar, o aumento da renda, a melhoria do acesso à educação por meio de matrículas em universidades, a expansão da presença de agências federais e a melhoria do transporte escolar.

Nem tudo é negatividade, quando nos aprofundamos no ambiente rural. No trabalho de Valadares et al., (2016), a maioria dos jovens quer ficar no campo, ou seja, construir projetos futuros no campo. O êxodo, ao contrário de outras décadas, não é a escolha mais importante para os jovens. No entanto, sua sobrevivência requer uma política pública que garanta as condições necessárias para sua qualidade de vida e o pleno desenvolvimento de suas capacidades. Os significados da permanência também são diferentes para meninos e meninas rurais. Apesar da aparente reversão da masculinização rural, os homens continuam tendo maior acesso à terra e ao crédito; enquanto as mulheres permanecem, aproximadamente, em posição inferior e dependente nas unidades familiares de produção, onde seu trabalho é muitas vezes reduzido e classificado como "ajudante".

Isso fica evidente quando se analisa o retorno dos jovens às áreas rurais por gênero. Enquanto as decisões dos meninos estão relacionadas aos processos de autonomia e políticas públicas, para as meninas o principal fator é a família. Seu retorno está relacionado ao papel secundário que desempenham na unidade produtiva. Entre outras coisas, os termos "ajuda", "apoio" mostram até que ponto essas jovens são vistas como potenciais sucessoras nas unidades produtivas e, assim, alcançam maior autonomia no grupo familiar. A permanência

também é determinada pela família, de acordo com o que os pais planejam para os filhos, levando em consideração a complexidade da herança e distribuição do patrimônio familiar e a autonomia vivenciada pelos(as) jovens no grupo familiar. Muitas das respostas registradas nas entrevistas indicam que o valor da juventude migrante é maior, o que mostra o papel decisivo da família nesse processo (VALADARES et al., 2016).

Ao insistir na dicotomia “ficar ou sair” como se somente uma dessas fosse a correta e permanente, é excluído o fato de que essa situação possa ser alterada. Existem vários exemplos de jovens que deixaram o ambiente rural em algum momento de suas carreiras e depois retornaram. O êxodo entre os jovens não é natural nem inevitável. O Estado tem um papel fundamental na criação de condições para que os jovens vejam a vida no campo como um lugar para concretizar suas vidas e projetos de futuro. Isso pode estimular a permanência dos jovens nos espaços e também atrair aqueles que não se fixaram no campo (MARTINS, 2021).

As recentes mudanças pelas quais o país passou, como resultado da criação de políticas públicas de desenvolvimento rural, aumentaram as oportunidades para os agricultores obterem direitos de cidadania. Os investimentos do país em políticas públicas têm impactado diretamente na melhoria da renda e da qualidade de vida dos moradores do campo, o que tem contribuído para o crescimento da permanência dos jovens no campo. Ao mesmo tempo, intensificaram-se as ações da juventude rural realizadas por importantes movimentos sociais, o que influenciou a produção acadêmica sobre o tema, e maior atenção foi dada à permanência dos jovens no meio rural. (MARTINS, 2021).

Valadares *et al.* (2016, p71) demonstraram que a permanência no campo aumentou nos últimos 20 anos em quase todas as regiões do país, exceto no Sudeste, que sempre demonstrou enormes taxas de urbanização, seja por meio de repetidas transformações das partes da área rural conectadas ao espaço urbano ou os efeitos da atração exercidas pelas cidades, sendo há muito tempo estudado na literatura sobre migração.

Em trabalho publicado por Martins (2021), é relatado que alguns dos fatores que afetam a permanência dos jovens no campo são a renda, acesso à terra, relações familiares, acesso a políticas públicas, educação diferenciada, autonomia e proximidade com o espaço urbano.

Talvez essa aderência dos jovens em voltar para o campo esteja ligada a Educação do Campo que atua em seus cursos técnicos embasada com a pedagogia da alternância sendo uma importante ferramenta para a socialização e construção dos projetos dos jovens rurais, aproximando-os do mundo em que vivem.

Pensar a Educação do Campo implica analisar as etapas pelas quais esta importante conquista percorreu para que atualmente tenhamos uma proposta curricular que atenda às necessidades de uma formação de qualidade para os camponeses.

Não tem como discutir a Educação do Campo sem falar das lutas e dos movimentos sociais em especial o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), a discussão sobre a Educação do Campo vem avançando nos últimos anos, porém desde da constituição de 1988 ela já vinha sendo discutida. A Educação do Campo busca valorizar a realidade camponesa e faz com que as crianças, jovens e adultos se reconheçam no espaço onde estão inseridos.

A ausência de um Estado levou à luta de parte do povo para mudar sua realidade através dos movimentos camponeses. Um conflito de classes especializado em acampamentos e ocupações. Posteriormente torna-se territorial, conquistando colônias e obrigando-as a continuar lutando pela resistência em seus territórios materiais/imateriais (ASSUNÇÃO; CAMACHO, 2023).

A conquista da política pública de Educação do Campo está nas lutas dos agricultores. Um projeto educacional emancipatório que trata a terra camponesa como esfera de vida, cultura, trabalho, produção etc., e possibilita a organização de práticas político-pedagógicas construídas a partir da participação sociopolítica dos camponeses e seus movimentos socio territoriais (ASSUNÇÃO; CAMACHO, 2023).

Segundo Silva et al., (2020), a luta pelo direito à educação nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária começa com a perspectiva da construção de escolas no meio rural. Por isso, o ponto de partida foi o primeiro Encontro Nacional de Educadores e Educadoras na Reforma Agrária (1996) ENERA e a 1ª Conferência Nacional de Educação do Campo (1998). Este marco pode ser entendido desta forma, pois nesses momentos foi apresentada a denúncia contra o desrespeito do poder público às garantias do direito à educação e escolarização nas comunidades e assentamentos locais.

O processo histórico, marcado por vários acontecimentos, não pode ser abordado nas escolas em sua totalidade, no entanto a seleção de tais fatos implica na elaboração de um currículo escolar diferenciado atentando-se à relação entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o fato de que a dinâmica escolar tem passado por inúmeras mudanças.

Tais reflexões nos levam a perceber que a Educação do Campo leva em conta os parâmetros do multicultural, da diversidade percebida em nossas escolas. É necessário que o estudante esteja inserido dentro de um contexto de identidade, de um processo de aceitação dele e do outro.

A análise do percurso da educação brasileira leva-nos a perceber a reformulação curricular como etapa crucial para a obtenção de avanços para o estabelecimento de novos

critérios de seleção de conteúdos, resultando em uma concepção mais complexa, ao envolver a relação ensino e aprendizagem.

Dentro dessa discussão, é importante dizer que é dever da escola dar sua contribuição para a formação de pessoas que realmente venham a se tornar agentes culturais, cidadãos, e não apenas reprodutores de uma realidade vigente, mas, transformadores desta mesma realidade. A Educação do Campo vem exercendo um papel fundamental nas comunidades levando os estudantes a pensar criticamente, questionando a cultura que lhes é transmitida, é um dever da escola enquanto instituição de ensino, portanto a formação ética, moral e de consciência política, vem à frente de uma formação unicamente técnica.

Essas mudanças proporcionam novas possibilidades, além de um processo de evolução no ensino e aprendizagem dos estudantes nas comunidades camponesas, afinal, através de uma visão crítica dos conceitos presentes na experiência pessoal de cada um, nasce uma maior compreensão da própria realidade.

Segundo Wolfart; Ribeiro (2021), existe um grande interesse da extensão pelo trabalho com a juventude, tratada como principal protagonista das transformações geradas no campo, uma vez que consideravam que era muito mais fácil convencer os jovens a mudarem suas práticas do que os agricultores mais velhos, reprodutores da comercialização e produção tradicional.

Em trabalho realizado por Gervazio et al. (2014), os jovens entrevistados dos setores Rio Verde e Ouro Verde em Alta Florestas-MT, migraram para a cidade por falta de oportunidades de emprego e estudo no campo. Os mesmos estão estudando e/ou trabalhando na cidade e aqueles que permaneceram no campo foi por motivos afetivos ou financeiros e por gostarem de viver no campo, assim, trabalham e/ou ajudam a família de alguma maneira.

1.1. Juventude e o Projeto de Vida

É evidente a relevante atuação das composições que moldam as atitudes dos sujeitos como afirma Bourdieu, apontando a presença de um sistema de acessos internos conectados com a habilidade de instruir de modo limitado, estabelecendo as ações dos mesmos. Ou seja, basicamente uma parte reflete na juventude pelo seu contexto sócio-histórico e dos processos de socialização, enquanto que outra parte não dá subsídios integrais, haja vista que infere na atuação que estabelece as bases sociais, não respondendo aos confrontos e as críticas assumidas pelos jovens (MARTINS, 2019).

Considerando o contexto do estudante brasileiro, é relevante destacar trecho da obra da renomada autora Foracchi, na qual procura a compreensão conceitual de classe e comportamental que direciona o jovem enquanto seu aspecto categórico social, sendo que:

A compreensão objetiva de constituição do estudante enquanto categoria social não dispensa a elucidação da natureza e dos conteúdos do vínculo de classe. A determinação das condições sociais que fazem do estudante uma parcela ativa da sociedade brasileira esclarece, por um lado, algumas conexões básicas constitutivas da situação de classe e da estrutura de classe. A elaboração destas conexões é, por outro lado, decisiva para a explicitação do processo de transformação do sistema global (FORACCHI, 1965, p. 06).

Destarte, isso aponta para normalmente o projeto de vida que constitui a tematização da juventude rural e sua dimensão voltada para as ações do campo, bem como as manifestações que receberam evoluções com o tempo pela participação do Estado no que tange a projetos políticos pedagógicos, além da base familiar e as crises enfrentadas pela agricultura e os pequenos produtores. Nos assentamentos há o contraste entre as pessoas idosas que precisam manter os locais funcionando pelas dificuldades externas que a influenciam e ao mesmo tempo os jovens que sofrem para se manterem com essa mesma visão e comprometimento (CASTRO, 2005).

Se distanciando dessa abrangência, apesar disso, a juventude rural na consolidação de seus cenários, se comprometem geralmente com as ocupações e compromissos da vida adulta, dificultando a definição das fronteiras em virtude da idade e designada firmemente baseando-se no progresso comum entre os jovens da área urbana (LANDINI, 2015).

No que tange à ótica histórico cultural, as perguntas teóricas que se fazem normalmente a respeito do que realmente é a adolescência e a juventude, entretanto, como se formaram historicamente essas fases, a partir do entendimento de que apenas é capaz de identificar qualquer ação com base na inclusão da integralidade em que os acontecimentos gerados deram sentido para tal (PERES; BARBOSA, 2017).

Em relação a análise das atividades desenvolvidas no aspecto pedagógico, percebe-se comumente a relevância da atuação da Psicologia Histórico Cultural, uma vez que no ambiente escolar existem vários estudantes com diferenças e comportamentos distintos, mas que são fortemente influenciados pela cultura implantada pela abordagem escolar. Essa teoria se origina a partir dos estudos de Vygotsky (1896-1934), no qual através de seus estudos procurou apresentar a mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Conforme Oliveira (1992, p. 140) “alguns alunos vêm para as escolas com diversos déficits, com níveis de maturidade desiguais ou inferiores ao que se espera em sua idade cronológica”. A profissionalização de professores, amparado no processo da construção de identidades, é uma tarefa complexa e não se constitui por bases dos cursos de graduação. Faz-se necessário que os docentes busquem uma representação, ampliando o sentido da docência, não apenas como atividade profissional.

Quando se trata de projeto de vida, sabe-se que a união de duas oscilações, requer espaços e tempos empíricos e uma atitude que educa e acompanha, consolida o projeto de vida. Sendo a primeira quanto à identidade do jovem (autoconhecimento e exploração de suas

capacidades) e a segunda diz respeito ao conhecimento da realidade (conhecer como funciona o sistema em que está inserido com suas inclusões e exclusões), ou seja, são essas duas questões que normalmente afetam a consciência e mediação no desenvolvimento do projeto (PERES; BARBOSA, 2017).

Partindo dessa premissa, a cultura criada pelo professor no ambiente (sala de aula) não permite a intensificação de novas estratégias e a assimilação dos conteúdos por parte dos estudantes. Isso deveria ser levado em consideração, já que “(...) no processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e os procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento, especificamente culturais” (VYGOTSKY, 1995, p. 34).

1.2. Projeto de Vida e Expectativas em Relação ao Futuro

Como área de atuação, a juventude do campo tem caráter abrangente e trata das incumbências que os estabelecimentos de ensino possuem, respeitando as normas comuns dos sistemas de ensino. A autonomia é um fator importante levando em consideração as perspectivas adotadas, pois com isso as escolas conseguem atender as especificidades locais e regionais para uma aprendizagem de qualidade. Esta autonomia está prevista na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. Os agentes de atuação: diretores, supervisores, coordenadores, professores, pais, estudantes, comunidade, dentre outros, objetiva promover a organização, a estrutura, o planejamento, a mobilidade e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o crescimento e o avanço das questões sócio educacionais dos estabelecimentos de ensino. Para Cury (2002, p, 165), gestão “(...) é a geração de um novo modo de administrar uma realidade e é, em si mesma, democrática, já que traduz pela comunicação, pelo desenvolvimento coletivo e pelo diálogo.”

Durante a juventude, muitos processos passam por transformação com base em demandas e vínculos históricos, econômicos, políticos e sociais. Em grande parte, precisam definir projetos de vida com autonomia e singularidade, dos quais são impactados pelas condições do local e o tempo englobado que dimensionam certa sociedade ou grupo. Se fundamentam pelos contextos incorporados na inserção do jovem e as aberturas que se apresentam para consolidar metas e aprendizagens. Passam assim, por uma movimentação individual e coletiva com noções plenas e limitadas, podendo receber alterações conforme valores respeitados em fases vividas, suas convivências, diretrizes e a formação escolar ofertada (PERES; BARBOSA, 2017).

Com isso só confirma que na questão escolar a atuação abrangente dos agentes escolares é o que faz valer o processo de desenvolvimento para o crescimento da escola no campo. Atuar com a juventude, portanto, está relacionada a formação de cidadãos, que é uma

das exigências da vida social. Enquanto instituição social e política, a escola vem passando por vários processos de mudanças nos saberes, organização e maneiras pensar. A gestão escolar neste contexto ganhou espaço de análise de discussão e de implementação no interior das escolas, por causa das mudanças políticas econômicas e social articuladas a partir de documentos e legislação específicas, onde a escola viu-se obrigada a se adaptar aos novos tempos instituídos (CALDART, 2009).

O projeto de vida desses jovens, acaba recebendo impactos pela perspectiva futura, pois a escolha por uma gestão de princípio democrático-participativo evidencia a natureza da escola como espaço público, de liberdade, expressão da diversidade e democratização dos saberes. Uma sociedade não deve excluir parte da população que impõe profundas injustiças para algumas pessoas. É urgente a questão da leitura para que seja vista enfaticamente como luta política.

É amplamente reconhecido que a qualidade da educação se estabelece sobre a competência de seus profissionais em oferecer para seus estudantes e a sociedade em geral experiências educacionais formativas e capazes de promover o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para desafios vivenciados em um mundo globalizado, tecnológico, orientado por um acervo cada vez maior e mais complexo de informações e por uma busca de qualidade em todas as áreas de atuação (CASSIN; BOTIGLIERI, 2008).

Uma das metas da comunidade educacional no campo, principalmente quando se trata de assentamentos é estabelecer uma comunidade de ensino efetivo, onde persevere, coletivamente, não somente o ideal de ensinar de acordo com o saber produzido socialmente, mas o de aprender, em acordo com os princípios de contínua renovação do conhecimento, criando-se um ambiente de contínuo desenvolvimento para estudantes, professores, funcionários e é claro, gestores. O conhecimento da realidade ganha novas perspectivas: a organização do projeto político-pedagógico da escola e o currículo; o papel da escola e o desempenho de seus profissionais, que devem renovar-se e melhorar sua qualidade continuamente, tendo o estudante como centro de toda a sua atuação (BEZERRA NETO; BEZERRA, 2011).

1.3. Juventude do Campo em Perspectivas

Na escola pública do campo, o cenário educacional dos dias de hoje tem focado a questão da gestão democrática, por força da legislação, mas aquelas gestões que se propõem dar um passo a frente e realmente construir uma gestão democrática, precisa observar a participação da juventude de fato e não somente para cumprir o que se pede. Nessa situação, o gestor é um dos principais responsáveis pelo cumprimento de uma política que promova o

atendimento às obrigações e desejos dos que fazem a comunidade escolar. A partir desse princípio a escola de âmbito rural precisa rever o papel do professor no sentido de gerar a gestão democrática como técnica intermediária do trabalho pedagógico para juventude e suas perspectivas.

Deste modo compete aos que juntos fazem parte da ação educativa, encontrar estruturas de transformação frente às novas expectativas educacionais no que se refere à execução da gestão democrática nas escolas públicas de toda a nação e para que a gestão democrática se consolide desenvolvendo atos ajustadas nos princípios de autonomia e interculturalíssimo, em processos de conhecimento como também cooperar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, porque gestão vai além de meros consentimentos de domínio a um ou outro, por aquele que detém uma parcela maior.

Há pessoas trabalhando na escola, especialmente em postos de direção, que se dizem democratas apenas porque são “liberais” com alunos, professores, funcionários ou pais, porque lhes “dão abertura” ou “permitem” que tomem parte desta ou daquela decisão. Mas o que esse discurso parece não conseguir encobrir totalmente é que, se a participação depende de alguém que dá abertura ou permite sua manifestação, então a prática em que tem lugar essa participação não pode ser considerada democrática, pois democracia não se concede, se realiza: não pode existir “ditador democrático” (PARO, 2001, pp. 18-19)

Entendemos que gestão democrática na escola é quando se anseia uma instituição em que todos têm direitos iguais, liberdade de escolha e voz ativa em meio ao fazer educacional, em que os gestores são escolhidos mais pela competência, do que por qualquer outro critério que se observe. No entanto o que se ressalva, é que o cargo de direção de uma escola é político e é influenciado na hora da escolha e no desempenho deste.

É necessário a reflexão da escola do campo sobre sua ação em busca de formar cidadãos críticos, participativos e influentes na sociedade em que habitam, que sejam capazes de encarar o mercado de trabalho como realização profissional através de atitudes solidárias e respeito ao próximo. Refletindo em um modelo de escola democrática, gestores e docentes devem proporcionar um espaço de troca de saberes e incumbência de poder em prol da aprendizagem significativa do estudante.

Quanto a juventude do campo, ainda referindo-se à decodificação, ela é um alicerce inicial de grande importância. Porém, um estudante aprende a ler, apenas quando é capaz de compreender uma variedade de textos escritos que são relevantes ao desenvolvimento pessoal e social. A leitura é mais que uma simples decodificação de signos, abrange a interpretação, compreensão e análise do que está sendo lido. Excede a visualização de caracteres ou imagens, como menciona Caldin (2003), e age na compreensão da informação que está sendo transmitida.

A compreensão como afirma Smith (1999, p. 79), “é um estado no qual nenhuma

questão fica sem resposta”, e responder perguntas é compreender que leu, sempre e quando tiver sentido para o estudante, uma teoria que todos nós temos do mundo que construímos e carregamos ao longo de toda história. Então, o processo de aprendizagem da leitura não termina quando o discente aprende a decodificar, ou seja, nos primeiros anos escolares. Esse tempo deve estender-se ao longo de toda escolaridade de forma metódica e teoricamente bem aprofundada. No entanto esse procedimento pode ser abstruso por compreender várias fases de desenvolvimento nas quais reconhecem símbolos, ocorrendo a transferência para conceitos intelectuais, havendo assim, um alargamento no processo reflexivo, de que se ligam em unidades de pensamentos amplos.

Segundo Pádua (2021) as tecnologias atuais deixaram o jovem com maus hábitos de leitura, o que resultou em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, possuindo vocabulários cada vez mais improdutivos. A leitura é algo determinante na aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto isso acontece por falta de hábito, neste caso se a leitura fosse um costume saberiam apreciar uma boa obra literária, por exemplo.

Faz-se necessário despertar nos estudantes um interesse maior pelo que leem para a prática da leitura. Para aquisição de novas aprendizagens na escola do campo, a leitura é um dos processos mais importantes existentes, para a vida individual, social e cultural. E essa informação deve ser repassada aos que estão aprendendo a ler para que possam compreender. Conforme (PINHEIRO, 2006, p. 23-24):

Nas sociedades letradas, aqueles que não sabem ler ou são analfabetos funcionais passam por situações muito delicadas quando lhes é exibido uma compreensão leitora. Compreender a importância desse ato na atual sociedade fará certamente com que os alunos se sintam mais estimulados para as aulas.

Estabelecer os objetivos da leitura e despertar o gosto por essa atividade são atitudes que podem auxiliar os alunos a compreender sua importância. Diante desse objetivo, a escola pública deve trabalhar com propostas de atividades em que as situações reais sejam realizadas de modo geral, fazendo com que os estudantes compreendam a relevância da aprendizagem para o convívio social, considerando ser um fator que também afeta o desenvolvimento do projeto de vida da juventude.

CAPITULO 02

EDUCAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DE VALORES E CONHECIMENTOS

A educação permite aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários, para que, assim, se tornem membros do gênero humano. Deste modo, compreender a importância da Educação do Campo para a construção da formação humana. Dentre as várias informações atreladas ao direito à educação para a plena formação humanitária, ter acesso à educação é ter direito a sua própria formação humana de forma plena, a pedagogia e a escola, tem papel importante neste processo.

1.1. A Educação do Campo e a sua Importância na Construção da Formação Humana

A falta de políticas públicas para a permanência no campo, gera esvaziamento do campo, esse esvaziamento reflete tanto na agricultura, meio ambiente, relações de trabalho nas cidades e até na produção de alimentos. A produção familiar agroecológica também é enfraquecida com esse esvaziamento do campo e com o passar do tempo a produção agrícola mecanizada ocupa esses espaços através das grandes corporações empresariais (REIS; MURTA, 2017).

A Educação do Campo surgiu a partir de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas articuladas às lutas por reforma agrária e escolas apropriadas para as pessoas que residem no local, visando maior desenvolvimento de seu território (CALDART, 2008).

É atribuído ao professor do campo, o papel de criar condições para que os estudantes tomem decisões cada vez mais coerentes com a vida do campo e princípios da Educação do Campo. Assim, se faz necessário que o professor seja engajado no movimento; caso contrário, a educação não atingirá seus objetivos junto ao educando (BEZERRA NETO, 2010). Logo, segundo Tonet (2006), cabe a educação permitir aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários, para que, assim, se tornem membros do gênero humano. Sendo necessário desenvolver atividades que incentivem as pessoas a participar ativamente das lutas sociais, que estejam articuladas com a transformação radical da sociedade e não apenas com a cidadania. Assim, para que as ideias possam transformar a realidade, é necessário que através da ação prática, elas se tornem força material. Com isso,

este trabalho também tem por objetivo compreender a importância da Educação do Campo para a construção da formação humana.

O principal objetivo da educação é contribuir para uma formação, onde o estudante seja capaz de desenvolver competências e habilidades para analisar criticamente e compreender a complexidade do mundo sob a perspectiva das áreas do conhecimento. Desta forma, deverá ter, a educação, fundamentalmente o processo de aperfeiçoar as capacidades humanas, como pensar, refletir, argumentar e compreender a realidade à sua volta, acima de tudo, aquela vivenciada diariamente pelos estudantes (OLIVEIRA *et al.*, 2018; LIMA; CAVALCANTE, 2019).

Segundo Deon e Callai (2018), o que é imposto à educação no processo de percepção da realidade, como exemplo, as regras, os índices e os resultados, estão massivamente atrelados ao processo de ensino e aprendizagem, podendo distanciar a educação da formação humana, já que o foco maior está em conseguir quantidades de estudantes aprovados, ao invés de se preocupar na qualidade da aprendizagem desses mesmos estudantes ao final do ano letivo.

Em trabalho realizado por Lima e Cavalcante (2019), abordando a questão agrária e o ensino de geografia, os autores perceberam que a Geografia, enquanto disciplina escolar que estuda a relação entre a sociedade e a natureza, como também as questões do campo, possui papel fundamental na formação dos estudantes para a compreensão dessa realidade que estão inseridos, sendo então capazes de desenvolver as capacidades voltadas para uma construção de conhecimentos críticos acerca de seu mundo. Porém, a abordagem dos conteúdos agrários em sala de aula ainda ocorre de forma muito limitada, tornando-se um ensino alheio e insuficiente para a construção de uma visão crítica e emancipatória sobre a questão agrária que os estudantes vivenciam.

O direito a educação para a formação humana plena é um ato político de interesse dos trabalhadores, ao direito de se humanizarem plenamente no trabalho e na produção de sua existência. Assim sendo, ter acesso à educação é ter direito a sua própria formação humana plena, a pedagogia e a escola assumem esses processos de produção do ser humano como humano pleno (ARROYO, 2012).

Segundo Arroyo (2012), os próprios movimentos sociais já agem com concepção pedagógica, como a agricultura família que já insere membros da família nos processos produtivos, fazendo parte da história, dos movimentos, do trabalho corroborando na formação das vivências do povo camponês.

Os movimentos sociais agem nessa concepção pedagógica, inserindo cada tempo humano, na sua especificidade, nas lutas e ações coletivas e nos movimentos sociais. A agricultura familiar, por sua especificidade histórica, insere os membros da família camponesa no trabalho e nos processos produtivos, respeitando a

especificidade de cada tempo humano, geracional. Essas especificidades de inserção no fazer da história, nos movimentos, no trabalho e na agricultura camponesa carregam também uma especificidade formadora para as vivências de cada tempo humano (ARROYO, 2012).

O próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem como objetivo da educação, transformar a sociedade com formação de pessoas dignas. “Formação humana demanda pensar um processo de educação para compreensão e desvelamento das contradições emergentes das relações entre o capital e o trabalho no contexto das lutas de classe e seus sujeitos coletivos” (RIBEIRO, 2011).

É necessário que o currículo na Educação do Campo seja formulado, de acordo com a realidade local, da comunidade em que está localizada, respeitando as características, a cultura, os saberes dessa comunidade, favorecendo a formação humana, corroborando com a desmitificação de precariedade e retardo, pois muito conhecimento existe e pode ser utilizado para os filhos da terra.

A partir de um currículo integrador e ancorado na realidade concreta, a escola ofertada à população camponesa promove uma educação que, ao respeitar as especificidades desse povo, reconhecendo seus valores, princípios e modo de vida promove uma formação humana emancipatória e libertadora, rompendo não apenas com o estigma do atraso e do rústico como também com a lógica reprodutivista de dominação e exploração do sistema capitalista (NASCIMENTO; TEIXEIRA, 2021).

A formação humana, voltada aos sujeitos do campo, deve considerar e preservar seus saberes e valores culturais adquiridos da sua relação com a terra, pois, assim, com a apropriação desses saberes, pode-se contribuir para o fim do êxodo rural e perda da identidade cultural desses sujeitos, tão importante para sua emancipação política e cidadã (LIMA et al., 2021).

Outro aspecto importante é a formação dos professores que atuam nas escolas do campo, que na maioria das vezes tem uma equipe pedagógica que não tem vínculo e formação que venha fortalecer a identidade desses jovens camponeses.

Dessa forma, muitos educadores do meio rural costumam fazer parte de um círculo vicioso, em que são vítimas de um sistema educacional que desvaloriza o seu trabalho, que coloca o meio rural como uma penalização e não como uma escolha e que não valoriza a sua qualificação profissional, que rebaixa a sua autoestima e sua confiança no futuro. Esses professores acabam por realizar um trabalho desinteressado, desqualificado e que não leva em consideração o contexto em que estão inseridos e os sujeitos que o constituem (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

A formação de professores e os currículos escolares são aspectos importantes que devem ser evidenciados dentro das unidades escolares do campo, pois currículo e formação é fundamentalmente processos de escolhas e postura política.

As escolas deveriam apresentar um currículo diverso do existente, onde se valorize e respeite a cultura dos jovens que ali residem, pois estamos falando de identidades e essa deve ser fortalecida através de métodos e práticas. Infelizmente é um fato que não ocorre na maioria das escolas que obedecem a um currículo geral organizado pelas secretarias de educação do estado e do município.

Estamos entendendo por escola do campo aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias nas perspectivas do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população. A identificação política e a inserção geográfica na própria realidade cultural do campo são condições fundamentais de sua implementação. Arroyo (2004, p. 53 apud ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Neste contexto o educador é um agente importante na transformação, pois cabe a ele o papel de mostrar as vantagens de se viver no campo e levar para sala de aula os conhecimentos necessários para que os estudantes consigam se sentir parte do território/comunidade onde vivem e compreender a importância que o campo exerce para nossa sociedade.

Cabe a nós professores fazer com que a escola do campo seja um espaço de transformação social de nossos alunos, assim devemos prepara-los para serem pessoas críticas, autônomas que entendam seus valores enquanto cidadãos e suas relações sociais e humanas na vida em sociedade e nas dificuldades encontradas. De acordo com Caldart:

Somos um ser de escolhas permanentes e delas depende o rumo de nossa vida e do processo histórico em que estamos inseridos. E as escolhas nem são apenas individuais nem podem ser apenas de um coletivo. Cada escolha é feita pela pessoa, movida por valores que são uma construção coletiva (CALDART, 2001, p. 37).

Assim, é importante trabalhar sobre os valores humanos, pois eles possibilitam a coletividade, porém esses valores devem ser transformados em ações, somente assim vamos construir novos sujeitos sociais e conduzir a formação humana. Segundo Caldart:

Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais que apenas professores de conteúdo de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que ser humano estão ajudando a produzir e cultivar (CALDART, 2001, p. 50).

O campo é um espaço que tem particularidades históricas, sociais e culturais, nesse sentido a Educação do Campo possui identidade própria que deve ser valorizada, como o modo de viver, histórico da luta pela terra, e para a construção comunidade.

Nessa premissa a escola deve respeitar a realidade do educando sendo aquela que assume um ambiente de ensino com trocas de conhecimento, pois o educador ao ensinar

também aprende e o próprio educando aprende com os demais, mudando a visão de mundo dos estudantes inseridos na comunidade escolar.

A Educação do Campo contribui para geração e compartilhamento de muitos saberes locais, assim, irá atingir, diretamente na formação humana dos estudantes dessa comunidade e também a toda uma comunidade, pois o público é residente desta localidade. Esse mesmo público são agentes de transformação desta comunidade, por isso a preocupação do currículo ter vínculos a realidade do campo, gerando trabalho, atualidade e conhecimento.

1.2. Educação do Campo: Conquista e Resistência

Por mais que a população brasileira em sua maioria seja urbanizada existe uma população rural significativa, essa população rural é responsável pela maior parte da produção de alimentos que chega a nossa mesa.

A saber, a produção da maior parte dos gêneros necessários à subsistência alimentar da população. Nesse terreno a pequena propriedade já representava na economia brasileira um grande papel. A maior parte dos gêneros de subsistência consumidos no Brasil (em particular nos centros urbanos) produzia-se nela (PRADO JR., 1992, p. 254).

A questão da terra no Brasil teve início, com a chegada dos colonizadores no ano de 1500, os portugueses ocuparam o território brasileiro onde fizeram as primeiras vítimas dessa invasão os povos indígenas, os mesmos chegam nas terras brasileiras com a única intenção, explorar as riquezas que aqui existiam.

Essa lógica ainda continua quando falamos das questões da terra no Brasil, em períodos diferentes. Com o agronegócio, as terras em nosso país se concentrada nas mãos de poucos, e historicamente a ocupação e distribuição de terras no nosso país foi determinada pelos interesses econômicos e políticos da classe dominante, os grandes latifundiários.

Segundo Fernandes 2013:

O paradigma da questão agrária tem como ponto de partida as lutas de classes para explicar as disputas territoriais e suas conflitualidades na defesa de modelos de desenvolvimento que viabilizem a autonomia dos camponeses. Entende que os problemas agrários fazem parte da estrutura do capitalismo, de modo que a luta contra o capitalismo é a perspectiva de construção de outra sociedade. O paradigma da questão agrária está disposto em duas tendências: a proletarista, que tem como ênfase as relações capital trabalho; e a camponista, que tem como ênfase as relações sociais camponesas e seu enfrentamento com o capital. (FERNANDES, 2013a, p. 69).

Os camponeses ao longo da história, lutaram para conquistar seus objetivos, dentre eles, assistência médica, educacional, moradia, igualdades sociais que possibilitem uma condição de vida melhor para viver.

Muitas vezes a reforma agrária acaba sendo vista de maneira muito tradicional, que tem como objetivo a distribuição de terras, organização da estrutura fundiária e a não concentração de terras nas mãos de poucos. A reforma agrária vai muito além disso, a mesma contribui no processo econômico e social do povo camponês, reduzindo a pobreza e as desigualdades sociais, o êxodo rural.

O artigo 16 da Lei n. 4.504/64 (Estatuto da Terra), fala:

Art. 16 A Reforma Agrária visa estabelecer um sistema de relações entre o homem, a propriedade rural e o uso da terra, capaz de promover a justiça social, o progresso e o bem-estar do trabalhador rural e o desenvolvimento econômico do país, com a gradual extinção do minifúndio e do latifúndio.

Dessa forma uma das grandes preocupações da lei agrária e a justiça social e a promoção do desenvolvimento socioeconômico dos povos do campo.

Resistencia e luta são palavras que acompanham a história do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a Educação do Campo. O processo de luta pela reforma agrária é diário. Além da posse e o uso da terra, as comunidades buscam por escolas e formação de qualidade, por educação contextualizada do e no campo, estrutura viária, lazer, acesso aos meios tecnológicos, moradia e entre outras tantas coisas, e os movimentos sociais exercem um papel importante na busca desses direitos. Arroyo (2003) reconhece sua importância como influenciadores, tanto no pensamento educacional, quanto em uma proposta formativa alinhada à luta histórica dos trabalhadores, que buscam, além de direitos sociais, acesso a uma Educação pública, gratuita e que seja de qualidade referenciada pelos sujeitos. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) exerce um papel importante na conquista e garantia dos direitos dos agricultores do campo e na luta pela reforma agrária no Brasil.

Cabe lembrar que é dever do Poder Público promover e criar condições de acesso do trabalhador rural à propriedade da terra economicamente, mas infelizmente essa população acaba sendo esquecida, a falta de políticas públicas voltadas para o povo camponês é um problema enfrentado pela maioria dos povos do campo, são esses problemas sociais que acabam afastando os jovens do campo dos jovens da cidade, causando assim a segregação dos jovens camponeses que acabam indo para as cidades em busca de oportunidades que não são encontradas no campo e acabam se frustrando pois não possuem uma formação específica para atuar no mercado de trabalho, e ficam sem perspectiva de vida.

O MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) exerce um papel importante na conquista e garantia dos direitos dos agricultores do campo e na luta pela reforma agrária no Brasil. De acordo com Seoane (2003, p.13).

[...] los movimientos sociales de origen rural más importantes en la última década em Latinoamérica: el Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra (MST) en Brasil, el movimiento cocalero del Chapare boliviano, la experiencia de la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador, y el zapatismo en México.

É importante que os jovens pensem e entendam a sua importância na sociedade, e que sintam orgulho de pertencerem a comunidade rural em que vivem, e que suas práticas e vivências são importantes tanto para o individual quanto para o social.

“Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social”. (Moscovici, 2003, p. 21).

Os jovens devem se reconhecer nos territórios onde vivem aprendendo que é necessário enfrentar os problemas e as realidades. Dessa forma além da resistência, devem ter a ousadia de jovens camponeses, e que mesmo com as desigualdades do cotidiano, os mesmos se precisam se auto afirmar como sujeitos políticos na defesa de seus direitos como cidadãos. Nesse sentido, Arroyo, Caldart e Molina (2004) referem que a escola deve ser vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao mundo da produção, à luta pela terra e ao projeto popular de desenvolvimento do campo. Esclarecem ainda que a escolaridade rural deve ter como objetivo principal proporcionar conhecimentos, cidadania e continuidade cultural.

Com este contexto, a luta pela Educação do Campo virou bandeira fundamental para a juventude permanecer no campo, com acesso à escolarização, com proposta de formação que corresponda aos anseios da juventude camponesa. Arroyo, Caldart, Molina (2004) consideram a educação como direito do homem, da mulher, da criança, do jovem do campo.

1.3. Educação do Campo: Desafios e Possibilidades

Considerando o contexto da Educação do Campo em relação ao papel do professor e seu empenho quanto a execução das ações cruciais para a efetividade da aprendizagem dos estudantes, evidencia-se uma dimensão marcada fortemente por riscos, desafios e adversidades, bem como a questão dos aspectos que envolvem o processo de aprendizagem de forma árdua e cansativa. Destarte, em se tratando da forma com que o professor se relaciona com os estudantes, é possível constatar a eficácia das suas ações, uma vez que os desafios impostos pela didática são facilmente superados. Verifica-se esse desenvolvimento por parte do professor, pois ao abordar além da teoria e exposição dos conteúdos, ele passa a ter uma maior aproximação com os estudantes o que amplia a comunicação entre eles, produzindo uma interação e aperfeiçoamento mais intensificado (RIBEIRO, 2010).

Isso é relevante, pois é certo que:

Quando observamos que os estudantes não estão dominando a linguagem escrita, como sistema simbólico presente na cultura em que estão inseridos; quando percebemos que há uma grande distância entre o conhecimento conquistado pela humanidade e o apropriado pelos sujeitos, reconhecemos que a educação escolar não está sendo capaz de produzir em cada indivíduo singular, a humanidade produzida pelo conjunto dos homens (SFORNI, GALUCH, 2009, p. 82).

Ou seja, no ambiente escolar o professor não procura apenas ensinar a ler, mas busca tornar esse estudo, uma forma dos estudantes compreenderem o mundo em que vivem e ao mesmo tempo se tornando pessoas mais humanas e sensíveis com a realidade do ambiente escolar.

Sendo assim, é notável conforme Moran (2010), que os investimentos tecnológicos apresentam novas formas de ensino e são consolidados, mas que suas mudanças se aplicadas ao formato pedagógico existente poderá alterar sua importância fundamentada em paradigmas aceitos no processo normal de aprendizagem. Nesse sentido, a percepção de que a tecnologia maximiza a concepção de aula associada ao tempo é discorrido literalmente.

[...] a tecnologia tende a apresentar novidades a cada dia e assim aumenta a demanda por uma educação que privilegie o uso das linguagens das tecnologias, aumentando também a demanda por professores que as utilizem em processos significativos de aprendizagem. Com essas novas demandas, muitos professores estão buscando novos caminhos, mas são poucos os que encontram caminhos que sejam diferentes de uma educação tradicional, centrada na informação. O que parecem não compreender é que com as tecnologias, as formas de comunicação, de vida e de relação entre as pessoas mudam e, nesse sentido muda a forma de educar e o papel do professor (SCHERER, 2003. p. 270).

A partir disso, pode-se entender que as instituições deveriam se posicionar com um maior preparo, pois fica evidente que o avanço tecnológico tem influenciado de modo intenso a evolução da sociedade contemporânea, haja vista que as mesmas são eficientes e também estão presentes na vida diária das pessoas, principalmente no processo de ensino, transformando suas práticas e provocando mudanças quanto aos aspectos sociais, culturais e econômicos (MORAES; ZEZZA; NEVES, 2015).

Conforme Morais (1997, p.53) “o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas”.

Portanto, deve ser assegurado a cada indivíduo que integra esse processo de construção do conhecimento subsidiado por ferramentas tecnológicas, a capacidade crítica e criativa frente aos desafios. Assim, a questão do ensino e da aprendizagem são naturalmente repensados e seus métodos de ensino continuamente aperfeiçoados para a melhoria da educação. A natureza criativa do humano se elabora no contexto cultural. Onde todo

indivíduo se desenvolve em uma realidade social, cujas necessidades e valorações culturais se moldam aos próprios valores de vida. Soluções novas e criativas são necessárias para vários problemas que surgem no cotidiano (RIBEIRO, 2010).

Dessa forma, o maior desafio na Educação do Campo está com a incorporação das tecnologias e sua participação na construção do conhecimento. Assim deve ficar nítido o resultado da estrutura que ela cria e simultaneamente a formação do caráter didático, pela sua correta utilização. Como explica Virgil (2008), no momento em que um indivíduo passa a ampliar suas habilidades através da tecnologia, sua condição fica incompleta pelo efeito dela. Mas com alternâncias, acaba que possuindo várias expectativas e formatação de ações práticas. Ou seja, a tecnologia facilita o acesso para a elaboração do conhecimento possibilitando uma maior expressão da comunicação e identificação das características dos conteúdos.

Portanto, o recurso tecnológico cria oportunidades para facilitar o processo de elaboração do conhecimento com mais liberdade ao estudante, permitindo ações estratégicas por parte do professor que precisa estar frequentemente atualizado (SASSAKI, 1997).

Assim contribui com a construção do conhecimento, pois Piaget (1998) descreve que um dos propósitos exclusivos da educação é a constituição de pessoas com capacidade de criar, inventar e descobrir, esclarecendo que por intermédio da autonomia na educação esse desenvolvimento é normalmente desencadeado sem limitações, onde há uma harmonia contínua oriunda das ações pela pessoa, através do contato e integração autônoma sobre o meio, interagindo o fator teórico com o pragmático e o ambiente interno com o externo.

Nesse sentido, Mercado (1999) justifica que o amplo acesso à informação proporciona uma experiência educacional variada, que possibilita adquirir resultados duradouros e concretos, no qual estudantes precisam possuir total controle sobre o processo de aprendizagem, e para isso haverá uma exploração das perspectivas concedidas pela tecnologia.

É importante descrever nesse aspecto, uma breve definição de leitura. Observa-se que o processo de leitura varia de cada pessoa, dependendo de sua idade, maturação, sexo, tipo de língua, e claro de sua instrução, motivação e prática. Dentro desse processo envolve atenção, habilidade motora, linguagem escrita, memória, organização e imagem mental. A leitura é uma forma ampla de aprendizagem, e pode sofrer alteração em suas pronúncias e significados se tiverem mudanças triviais em uma palavra (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

Para tanto, vale ressaltar a relevância do contexto da BNCC – Base Nacional Comum Curricular desenvolvida no Brasil. Conforme o MEC (2017, p.07) “a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”.

Dessa forma, pode ser considerado os aspectos sociológicos como relevantes no que tange à atuação da BNCC, pois se expande para o entendimento de que a escola funciona socialmente, por possibilitar a aquisição de conhecimentos advindos das experiências desenvolvidos pelo sujeito com base na vivência com as pessoas, o ambiente, e assim estabelecer a absorção do aspecto científico, de modo que possa valorizar o sentido social, histórico e cultural gerando ao mesmo tempo, uma visão crítica e reflexiva, criando aptidões que permitam a aprendizagem, a convivência e a formulação do ser (BRASIL, 2017).

Observa-se que as ações visam um processo educacional essencialmente filosófico, pois como explica Cunha (2002) a educação necessita ser direcionada por uma perspectiva filosófica, pois possibilita uma construção da pergunta e diálogo, desenvolvendo nas crianças uma dimensão investigativa acerca dos significados que resultam nos valores e crenças da sociedade.

Em relação ao aspecto pedagógico pode ser considerado a partir das ações que continuamente devem ser ajustadas de forma a oferecer um espaço que inclua e descomplique a adaptação das estudantes quanto à conservação. Destarte, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC de 2017, manifesta essa questão de acatar ainda no Ensino Fundamental as atividades divertidas e formas lúdicas que atravessam a infância como adeptos nos fatores de aprendizagem e desdobramento das crianças (PAZ; OLIVEIRA, 2017).

Nota-se essa dimensão quando afirma que: “[...] ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil” (BRASIL, 2017, p.53).

Para Caldart (2002) a atuação pedagógica da escola e da sala de aula, necessita ser organizada com base numa ação individual e coletiva de docentes, gestão, orientadores, supervisão, enfim toda a comunidade escolar. Com a proposta de conscientizar no que diz respeito a singularidade e possibilidade de cada criança e adolescente quanto às dificuldades impostas naturalmente no processo de aprendizagem, baseando-se na cidadania, autonomia e liberdade como fatores fundamentais na mudança da realidade.

De acordo com Leite (2010, p.12) "longe de ser algo certo, exato, garantido, experimentar é algo que se abre para uma variedade de possibilidades em relação aos processos de produção de sentido, das coisas, do mundo".

As sensações, a afetividade, o toque e os vínculos criados a partir da Educação e os aspectos curriculares, são fatores emanados das experiências que possibilitam construir a subjetividade como sujeito relacional e expandindo as oportunidades dos estudantes (ÁVILA, 2018).

Nesse contexto, cabe ao professor adotar uma postura mais participativa nos processos educacionais visando a aprendizagem e o fortalecimento dos pontos fortes entre estudantes.

Portanto, contribui com a aquisição de conhecimentos que possam permitir aos futuros pedagogos uma perspectiva mais social e abrangente do assunto. Para se construir conhecimento de modo concreto e essencialmente eficiente, considera-se que não ocorre de modo isolado, no entanto depende de amplas ações que os recursos possibilitam frente aos desafios que o mundo escolar disponibiliza. Uma das dificuldades quanto a esse processo aplicado na sala de aula pela docência, está na relação entre conteúdo teórico e a função prática na Educação do Campo para a realidade profissional existente (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Portanto, a escola diante das constantes transformações sociais, e com o papel de formar esses adultos a partir da inserção dos aspectos culturais que ela pode provocar no ambiente, busca cumprir sua função social quanto ao processo de escolarização da população analfabeta e com baixa escolarização.

Nesse sentido, fica evidente que:

Mais do que transmitir informação a função educativa da escola contemporânea deve orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influência mais sutil (SACRISTAN; GOMEZ, 1998, p.26).

Trata-se dessa maneira, de conduzir o processo de educação para um olhar crítico estimulando nesses estudantes, uma postura mais abrangente e dinâmica associada as informações e conteúdos transmitidos em sala de aula, a fim de reproduzir e reformular os conhecimentos para uma visão prática. Para isso utiliza-se de programas e projetos exclusivos para cada objetivo, reorganizando os modelos pré-existentes, baseando especialmente em um Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) que conforme Padilha (2003, p. 13) “é um processo de mudança e de antecipação do futuro, que estabelece princípios, diretrizes, e propostas de ação para melhor organizar, sistematizar e significar as atividades desenvolvidas pela escola como um todo”.

Seu papel social é amplo, pois a escola por intermédio dos conteúdos transmitidos e suas estratégias e sistemas adotados internamente, influenciam de modo positivo na vida dos estudantes, quanto à maneira de viver e as ações a serem executadas no cotidiano (SACRISTAN; GOMEZ, 1998).

Considerando assim, “ensinar bem e preparar os indivíduos para exercer a cidadania e o trabalho no contexto de uma sociedade complexa, enquanto se realizam como pessoas” (PENIN; VIEIRA 2002, p. 27).

Dessa forma, o ambiente educacional, tanto quanto os demais setores, há a necessidade de adaptação e atualização das práticas pedagógicas, as tecnológicas e as

informações do contexto social no qual o sujeito está inserido atualmente, sendo assim, deve estar de acordo com a realidade que o estudante vive, para que se tenha a garantia do sucesso educacional. Sabe-se que o modelo de ensino tradicional não é mais eficaz nem motivador para os jovens, visto que na atualidade estão habituados com o acesso a tecnologias de comunicação e informação. Para alcançar a motivação dos estudantes torna-se fundamental o uso da tecnologia e de ferramentas educacionais com gamificação em benefício da educação (RIBEIRO, 2018).

Outro desafio evidente para o pedagogo, além da inclusão de recursos tecnológicos é experimentar de modo mais produtivo possível o multiculturalismo. Nesse sentido, o currículo escolar necessita de um elevado empenho para executar ações que atuem diretamente com a diversidade cultural, as informações produzidas pela indústria cultural e a assimilação de conteúdos cruciais (RODRIGUES; GUEDES, 2019).

Nesse contexto, é importante ressaltar que esse entendimento de que as diversidades podem ser superadas a partir da atuação do pedagogo no âmbito escolar é construída de forma gradativa, pois:

[...] a consciência de que a diferença está presente no cotidiano da escola e da sala de aula apontam para a necessária reflexão sobre, pelo menos duas questões importantes nas relações que se constroem no interior dessa instituição. Primeiro, que a diferença não está apenas presente na vida fora da escola, como também atravessa os muros, quase sempre impermeáveis, da instituição escolar. Segundo que a forma como olhamos e tratamos a diferença interfere nas relações educativas e, conseqüentemente, nas relações de aprendizagem e de socialização (TOSTA, 2009, p.10).

Nesse sentido, os educadores necessitam assumir uma prática movida pela empatia, ao mesmo tempo que se conscientizem e compreendam o domínio e intervenção de suas ações através do que ensinam e a maneira como ensinam no cotidiano de suas atividades (WHITELAW, 2003).

No entanto, percebe-se que isso não ocorre, pois, o ensino escolar brasileiro tem suas restrições, como a questão da inclusão disseminada que enfatiza mais a questão do direito que especificamente as alterações dos processos educativos. Há ainda certas dificuldades em assimilar essa aplicabilidade da legislação, onde acaba intensificando uma cultura do preconceito e desrespeito nas escolas (LEITE, 2014).

Nesse aspecto as políticas escolares precisam integrar no ambiente escolar, a regularidade onde sejam formuladas discussões em relação as diferenças, no sentido de reduzir os preconceitos, a partir de uma forma que vá além de reflexão, para o contexto dos posicionamentos sólidos e coerentes com práticas pedagógicas. Esse deve ser um princípio que permita acolher todos os alunos na equipe escolar, independentemente de suas culturas e etnias, onde os estudantes assumam suas responsabilidades e assim adequem às normas. Para

essa forma de atuação, portanto, é necessário realizar uma cooperação entre os familiares e a escola, os profissionais da educação, os amigos e principalmente em relação a qualidade dos conteúdos (BATISTA; ESTACHESKI, 2019).

É evidente que a postura do professor é fundamental para a inclusão da leitura no ensino médio, mas a escola também precisa se organizar e desenvolver ações que possibilite isso, tendo em vista que a boa parte deles não possuem um aperfeiçoamento quanto a isso, sendo necessário que esses profissionais busquem conhecimento e possibilidades, juntamente com uma visão de criarem um ambiente favorável, tendo a compreensão de que a leitura é essencial para que haja a formação adequada, de acordo com a linguagem de cada fase do processo de aprendizagem, fornecendo materiais e objetos diversificados para criações e desenvolvimentos, no qual, possibilita a construção de um eficiente trabalho, tanto para os estudantes, como para eles, como professores (GUEDES; SOUZA, 2011).

Portanto, o contexto escolar necessita cada dia mais de novos olhares sobre o processo de ensino e aprendizagem, de forma que os professores e estudantes estejam conectados, dentre essas possibilidades destaca-se a interdisciplinaridade, pois ela precisa ser reconhecida como uma busca ousada frente ao conhecimento, no qual não trabalha de forma fragmentada, mas de maneira comunicativa e integrada em todas as áreas do conhecimento. Entretanto, para que isso se torne possível não é necessário descartar os componentes curriculares, mas fazer com que esses se comuniquem entre si. Diante disso, as possibilidades da interdisciplinaridade, como já foi retratado, engloba um conhecimento unitário, no qual faz a integração de todas as disciplinas conectando-as com a realidade, tornando um conhecimento real e atrativo, fazendo com que o aluno enxergue como essencial tanto a abordagem da leitura e da escrita como também de outras disciplinas (FIORIN, 2008).

A Interdisciplinaridade busca um conhecimento universal, ou seja, um conhecimento que não seria partido em vários campos, o que faz com que cada vez mais se sinta a necessidade de se estar afastado do mundo real e fechado em apenas uma área, o que acaba por abstrair seu objeto de estudo (MAGALHÃES, 2006, p.1).

Nesse aspecto, para Matter (2012) a interdisciplinaridade precisa ser reconhecida como uma busca ousada frente ao conhecimento, no qual não trabalha de forma fragmentada, mas de maneira comunicativa e integrada em todas as áreas do conhecimento. Entretanto, para que isso se torne possível não é necessário descartar os componentes curriculares, mas fazer com que esses se comuniquem entre si. Nesse sentido, Bueno (2011) afirma que:

A participação em atividades musicais aumenta a habilidade da criança para aprender Matemática básica e Leitura. Também desenvolve habilidades cruciais para ter uma vida bem sucedida, como por exemplo, a autodisciplina, trabalho em grupo e habilidades para a resolução de problemas (BUENO, 2011, p.189).

Diante disso, as possibilidades da interdisciplinaridade, como já foi retratado, engloba um conhecimento unitário, no qual faz a integração de todas as disciplinas conectando-as com a realidade, tornando um conhecimento real e atrativo, fazendo com que o estudante enxergue como essencial.

FIGURA 1 – Foto dos alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, juntamente com profissionais da escola.



Estudantes da escola Ernesto Che Guevara, participação dos jogos entre escolas do campo do Município de Tangará da Serra -MT. Foto: Acervo C.M.E Ernesto Che Guevara.

1.4. Educação do Campo: Importância para a Permanência dos Jovens do Campo e a Construção de uma Agricultura Sustentável

O êxodo rural tem se tornado um problema em várias regiões do Brasil, e dessa forma trazendo preocupação em relação a essas migrações. Esse processo de migração faz com que as pessoas saiam do campo e se mudem para as cidades, ocasionando dessa forma uma perda da identidade camponesa, nos últimos anos a saída dos jovens tem se tornado maior.

Segundo Abramovay (1999, p. 19) “As migrações estão relacionadas diretamente à oferta de trabalho no meio urbano”. Além da oferta de trabalho, os jovens buscam também o lazer, acesso as tecnologias, saúde e ao ensino superior. Todavia, alguns dos motivos podem ser atrelados a problemas estruturais fruto do processo de desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e de um Estado que optou por um modelo de desenvolvimento territorial centrado na grande propriedade e na produção de *commodities* para exportação.

Diante a essa problemática, a Educação do Campo vem exercendo um papel importante em nossa sociedade e principalmente no fortalecimento e permanência dos povos do campo.

O movimento de Educação do Campo é constituído por processos de lutas, resistências e práticas educativas que contribui diretamente para que esses povos continuem em suas comunidades.

Historicamente, os camponeses lutaram para conquistar seus objetivos, dentre eles, assistência médica, educacional, moradia, igualdades sociais que possibilitassem uma condição de vida melhor.

A população rural é responsável por significativas porcentagens da produção de alimentos que chegam a nossa mesa, demonstrando assim que a Educação do Campo traz juntamente com ela os princípios e as relações com a natureza, dessa forma é essencial repensar a educação para que os alunos recebam orientações sobre novas práticas para que sejam utilizadas a favor de uma agricultura sustentável, garantindo alimentos saudáveis, gerando lucro e principalmente qualidade de vida.

A agricultura camponesa exerce um papel muito importante para o país, pois são responsáveis de produzir a maior parte dos alimentos em nossa mesa, essa produção é diversificada, os mesmos não produzem somente um tipo de alimento, produzindo dessa forma produções agrícolas e não agrícolas.

A diversificação nas produções tanto agrícolas como não agrícolas não é uma questão nova, pois conforme afirma Godoy e Wizniewsky (2013, p. 5):

A presença das atividades agrícolas e não-agrícolas nas propriedades rurais não deve ser entendida como uma “nova” estratégia ou modelo utilizado pelas populações rurais. Devemos nos lembrar que os camponeses não eram somente produtores agrícolas, mas combinavam atividades não-agrícolas de bases artesanais dentro de suas propriedades, e que estas atividades envolviam a força de trabalho familiar.

A diversificação de atividades traz positividade para as famílias camponesas, dentre elas a contribuição para a permanência dos jovens no campo. Carneiro afirma que:

É possível que, se forem dadas aos jovens as condições para o desenvolvimento de atividades alternativas à agricultura e ampliadas e melhoradas as condições de acesso aos bens (materiais e simbólicos) por eles valorizados, a vida no campo passe a oferecer alternativas bem mais atraentes (CARNEIRO, 2008, p. 265).

É importante ressaltar que para que o campo se torne um espaço com maiores alternativas é preciso de políticas públicas e que essas não permaneçam somente no papel, mas sim que sejam colocadas em prática.

O trabalho, o esforço e a força de vontade estão presentes na vida dos camponeses, que sofreram e sofrem com uma realidade de preconceitos e de dificuldades e lutam para conquistar seu espaço na sociedade.

O (MST) Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, desde sua fundação exerceu um papel importante na vida das famílias camponesas, levando sempre em consideração a construção que vise novos sujeitos. Para CALDART (2004, p. 22):

O maior objetivo do MST é de formação de sujeitos históricos capazes de trabalhar e de lutar pela transformação da sociedade e pela sua auto formação (pessoal e coletiva) emancipatória, realizada no processo inclusive de construção de um novo padrão de relações sociais (socialista).

A luta pelo acesso à educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis para as crianças, jovens e adultos de acampamentos e assentamentos, também é uma bandeira levantada pelo MST, e incluindo também a luta por uma Educação do e no Campo, que possa valorizar as vivências e a história dos povos que ali vive. Em síntese:

[...] É momento de voltar a discutir com toda nossa base “o que queremos com as escolas dos assentamentos e acampamentos do MST”, quais as tarefas pedagógicas específicas da escola na formação dos Sem Terra e como organizar sua prática educativa para que contribua na construção do projeto de sociedade socialista que defendemos e na emancipação social e humana dos sujeitos [...] (MST, 2005, p.6).

As escolas do campo devem ter um currículo diferenciado onde os estudantes possam ali aprender a valorizar a comunidades onde vivem, com atividades de campo que fortaleçam o seu contato com a terra e com a natureza, incentivando o respeito ao meio ambiente e a produção de alimentos saudáveis, sendo incentivados a gostarem do ambiente onde vivem, sabendo a importância que o campo exerce na sociedade.

Para VENDRAMINI, 2000:

[...] Não teria sentido o MST lutar pela escola da forma como ela está instituída. Temos uma escola cujo conteúdo reflete certas relações humanas que não correspondem aos objetivos do MST, que busca transformar a sociedade e as relações que as engendram [...] (VENDRAMINI, 2000, p.165).

Sendo assim a Educação do Campo deve ser pautada em uma educação que tenha como objetivo a formação humana, emancipadora, assumindo de fato a identidade camponesa, incentivando uma agricultura sustentável, garantindo alimentos saudáveis e principalmente qualidade de vida.

Nesse aspecto as políticas escolares precisam integrar no ambiente escolar, a regularidade onde sejam formuladas discussões em relação as diferenças, no sentido de reduzir os preconceitos, a partir de uma forma que vá além de reflexão, para o contexto dos posicionamentos sólidos e coerentes com práticas pedagógicas. Esse deve ser um princípio que permita acolher todos os estudantes na equipe escolar, independentemente de suas culturas e etnias, onde estes assumam suas responsabilidades. Para essa forma de atuação,

portanto, é necessário realizar uma cooperação entre os familiares e a escola, os profissionais da educação, os amigos e principalmente em relação a qualidade dos conteúdos (BATISTA; ESTACHESKI, 2019).

Uma das dificuldades quanto a esse processo aplicado na sala de aula pela docência, está na relação entre conteúdo teórico e a função prática na Educação do Campo para a realidade profissional existente (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Portanto, a escola diante das constantes transformações sociais, e com o papel de formar esses adultos a partir da inserção dos aspectos culturais que ela pode provocar no ambiente, busca cumprir sua função social quanto ao processo de escolarização da população analfabeta e com baixa escolarização.

De acordo com Leite (2010, p.12) "longe de ser algo certo, exato, garantido, experimentar é algo que se abre para uma variedade de possibilidades em relação aos processos de produção de sentido, das coisas, do mundo".

Ou seja, no ambiente escolar o professor não procura apenas ensinar a ler, mas busca tornar esse estudo, uma forma dos estudantes compreenderem o mundo em que vivem e ao mesmo tempo se tornando pessoas mais humanas e sensíveis com a realidade do ambiente escolar, se reconhecendo nesse processo como protagonistas de sua própria história.

Partindo dessas reflexões, o próximo capítulo contextualiza o espaço concreto da pesquisa de campo, a saber, a Escola Estadual “Ernesto Che Guevara”, no Assentamento Antônio Conselheiro, localizado no município de Tangará da Serra – MT.

FIGURA 2 - Horta Escolar



Horta da Escola Ernesto Che Guevara, produção de Couve, cebolinha, mostarda, tomate e coentro. Foto: Acervo C.M.E Ernesto Che Guevara.

FIGURA 3 - Aula pratica de Jardinagem e meio ambiente.



Foto de aula pratica de Jardinagem e meio ambiente ministrada pela professora Eduarda e professor Jadir, com alunas do 7º ano. Foto: Eduarda Carvalho Camargo.

CAPITULO 03

HISTÓRICO DA COMUNIDADE E ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.

1.1. História do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de Mato Grosso

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vêm construindo diversas formas de luta pela terra e de luta na terra, contrapondo-se ao modelo dominante brasileiro, umas das formas de resistência encontrada foi com a criação de acampamentos, que acaba por expressar na paisagem a luta pelo direito de acesso. O processo de ocupação no estado de Mato Grosso, embora tardio, foi marcado por políticas favoráveis aos latifúndios, regular e irregularmente constituídos. No entanto a partir das décadas de 1960 a 1990, como tentativa de amenizar a falta de planejamento agrário do país e os constantes conflitos relacionados a terra que se intensificaram por todo o território nacional, os assentamentos rurais foram criados (OLIVEIRA et al., 2020).

Em 1987, o MST já tentou se organizar em Mato Grosso, mas fracassou por falta de militantes. Na época, o movimento se organizava em outros estados e territórios, o que demandava intenso trabalho dos sem-terra (FERNANDES, 1999).

No final de 1993, durante a 7ª Encontro Nacional em Salvador, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra decidiu se expandir. No segundo semestre de 1994, alguns militantes de outros estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rondônia e Mato Grosso do Sul, foram ao Mato Grosso com o objetivo de participar da construção do movimento (ROCHA, 2017).

O MST se constitui no Estado de Mato Grosso fundamentalmente por algumas razões, sendo eles: a concentração da propriedade privada; Mato Grosso se configurava como sendo o segundo estado em concentração fundiária, perdendo somente para Mato Grosso do Sul; o contexto político, a derrota política eleitoral da oligarquia da família Campos nas eleições de 1994 para uma frente popular e de esquerda, tendo Dante como governador, criou um ambiente de diálogo e de respeito para com os movimentos sociais; o apoio e solidariedade de setores organizados da classe trabalhadora e de militantes voluntários que foram decisivos para a criação do MST; e, a necessidade de expansão para território nacional (ROCHA, 2017).

As primeiras tarefas foram visitas e encontros com professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Campus de Rondonópolis, militantes do Partido dos Trabalhadores, agentes de pastoral da Igreja Católica, padres e religiosas da Comissão

Pastoral da Terra e membros de diferentes sindicatos de trabalhadores filiados à Central Única dos Trabalhadores para formalizar o apoio à formação do MST (FERNANDES, 1999).

Assim, em agosto de 1995 com a ocupação da Fazenda Aliança no Município de Pedra Preta crava-se o marco inicial do MST em Mato Grosso, para ser mais exata, no dia 14 de agosto de 1995, na região Sul do estado. O primeiro acampamento recebeu o nome de Zumbi dos Palmares (ROCHA, 2017).

Quando o MST nasceu no Mato Grosso, a luta pela terra era um ponto protagonizado por coletivos já conhecidos como Sem Terra. Os sem-terra eram um grupo de pessoas que se organizaram para reivindicar o direito à terra, segundo o Jornal A Gazeta, em 17 de maio de 1994, os Sem Terra eram liderados por Jerônimo Gomes de Souza (ROCHA, 2017).

No Mato Grosso, a luta pela terra aumentou muito devido à organização de movimentos sociais isolados devido à grande demanda de famílias sem-terra em um estado com forte concentração fundiária (FERNANDES, 1999). A partir do ano de 1995, houve um aumento no número de ocupações realizadas no estado, como apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 1. Ocupação no período da década de 90.

Ano	Municípios	Nome dos conflitos/ fazendas	Número de famílias
1990	Não tem dados	Não tem dados	Não tem dados
1991	Água Boa	Fazenda Santana	150 pessoas
1992	Juscimeira	Fazenda Três Irmãos/ Santa Maria	200
1993	Canabrava Confresa Confresa Confresa/Porto Alegre do Norte	Fazenda do Araguari	50
		Fazenda Três Flexas Rio Belo	80
		Horizonte	30
		Fazenda Frenova e Piraguaçu	17
1994	Santo Antônio do Leverger Santo Antônio do Leverger Diamantino	Fazenda Itiratupã	-
		Fazenda Itiratupã Fazenda São João	500 500
1995	Santo Antônio do Leverger Diamantino Pedra Preta Vila Rica Cana Brava do Norte	Fazenda Itaratupã	300
		Fazenda Itaratupã Fazenda São João	438
		Fazenda Aliança	1100
		Fazenda Rancho Alegre/Rio Preto Tatuibi	48 50
1996	Chapada dos Guimarães Juscimeira Alto da Boa Vista/São Félix do Araguaia Juscimeira Rondonópolis Cáceres Diamantino Diamantino Rondonópolis Tangará da Serra Itiquira	Fazenda Roncador	200
		Fazenda São Jorge	100
		Fazenda Bordon	-
		Fazenda Três Irmãos/ Santa Maria	130
		Fazenda Bacurizal	100
		Fazenda Santa Amélia	1500
		Fazenda Dois Irmãos	100
		Fazenda Lagoa do Cervo	100
		Fazenda Carimã	200
		Fazenda Sudamata	250
		Fazenda Saúde Gleba Colniza	3 800
1997	Aripuanã Castanheira Acorizal Nossa Senhora do Livramento	Fazenda Seringal Gleba Baús/ Agropecuária	100
		Gargantamo	25
		Sesmaria Boa Vista/ Quilombo	80
		Mata Cavallo	
1997	São José do Povo Cáceres	Fazenda Bagagem/ Barrinha	50

	São Jose do Povo Alto Paraguai Cáceres São Félix Araguaia Cáceres	Facão/ Fazenda Bom Jardim Fazenda Tarumã/ Jupia/ Ponto Chic Projeto Capão Verde Fazenda São Saturnino Fazenda Rio preto/ Ramão Flores Fazenda Vale Verde	1500 1200 8 85 - 80
1998	Cuiabá Cuiabá Cáceres São Pedro da Cipa Novo Mundo Cáceres Tangará da Serra Tangará da Serra Sorriso Nossa Senhora do Livramento Pedra Preta Nova Olímpia Mirassol D'Oeste Mirassol D'Oeste Nova Mutum Apiáca Araputanga Cuiabá Terra Nova do Norte Cáceres Sinop/Tabaporã Chapada dos Guimarães	Fazenda Seis Marias Gleba Bigorna/Fazendas Mourão/Aguaçu Fazenda Vale Verde Usina Alcoomat Fazenda Cipó Acampamento Roseli Nunes Fazenda Colorado Assentamento Antônio Conselheiro Fazenda Santa Rosa Fazenda Sadia III Fazenda Santo Antônio do Jurique Assentamento Agloama e Pecua Fazenda Prata Fazenda Urutal Gleba Puiva Gleba Novo Planeta Fazenda Floresta Fazenda Porteira Velha Gleba HII Pro. Assent. Brasil Sem Fome Gleba Mercedes Gleba Mamão/Usina de Manso	- 15 67 - - 800 60 300 511 156 700 720 - - 164 800 80 300 - 160 1400 48
1999	Jaciara Araputanga Nova Maringá Cuiabá Cuiabá Cuiabá Araputanga Jaciara Jaciara Nobres Cuiabá Cuiabá Juruena	Fazenda Formosa Fazenda Araguari Fazenda Entre Rios II Fazenda Sino de Belém Fazenda Sino de Belém Fazenda Sino de Belém Fazenda São Paulo Fazenda Triângulo Fazenda Fortaleza Fazenda Figueira Fazenda Meire Gleba Pai Joaquim Gleba Aripuanã-Juruena/ P.A. 13 de maio	73 700 210 82 150 200 700 30 - 40 83 70 230

Fonte: Rocha (2017).

De forma rápida ocorreu o processo de expansão do MST no estado de Mato Grosso, em três anos o movimento se organizou em quatro regiões, sendo, região 1 em Cuiabá e Várzea Grande, região 2 em Rondonópolis, região 3 em Cáceres e região 4 em Tangará da Serra.

A construção do MST-MT foi baseada em vários suportes internos e externos. Segundo Fernandes (1999), as famílias acampadas na fazenda Aliança, incluíam estudantes e professores universitários, deputados do PT, presidentes de sindicatos, agentes pastorais, padres e freiras da CPT, o bispo de Rondonópolis e ativistas de direitos humanos.

Devido à inflexibilidade do governo estadual e federal, em 1996, após várias reuniões e discussões com organizações de apoio, o MST organiza uma marcha com duas frentes, sendo

uma delas saindo de Rondonópolis e a outra de Cáceres em direção a capital Cuiabá. O objetivo era de reunir as duas passeatas na entrada de Cuiabá, organizar uma grande manifestação, pressionar o governo do estado e o INCRA para honrar os acordos e assentar as famílias.

Em seus dois anos de existência, o MST no estado de Mato Grosso conquistou “17 assentamentos onde mais de duas mil famílias passaram a viver em uma área de oitenta mil hectares. Tinha três secretarias, sendo uma na capital, uma em Cáceres e a terceira em Rondonópolis (FERNANDES, 1999).

1.2. Breve Histórico do Assentamento Antônio Conselheiro

Em trabalho realizado por Ferreira (2013), o autor aborda que o Assentamento Antônio Conselheiro está localizado na região centro-oeste de Mato Grosso, a cerca de 300 km de Cuiabá, e abrange os municípios de Tangará da Serra, Barra do Bugres e Nova Olímpia. O MST foi organizado em Mato Grosso em 1995, devido principalmente contradição que vivia o estado, onde existiam cerca de 100 mil famílias sem terras todas desorganizadas.

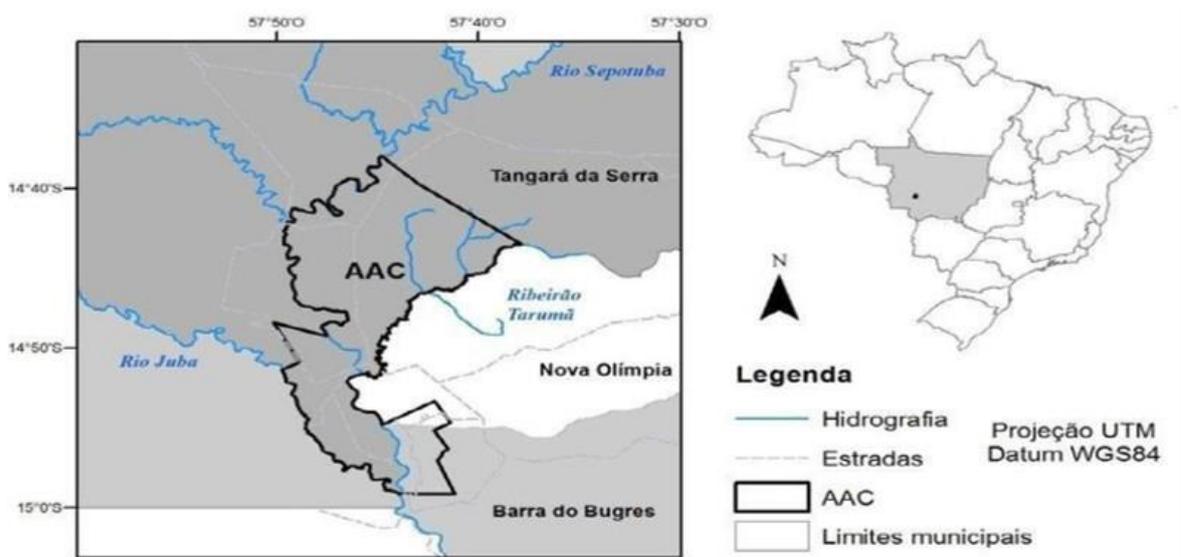
Segundo Ferreira (2013), o Assentamento foi nomeado em homenagem à significativa contribuição do lutador para o campo liderou a revolta de Canudos no século 19, já que é comum no MST que seus assentamentos recebam nomes de lutadoras e lutadores do povo, que dedicaram sua vida a luta pelas causas sociais. Para que se concretizasse o assentamento, as famílias fizeram atos públicos, passeatas, audiências, ocupações em órgãos públicos, etc. No caso de Antônio Conselheiro, vidas foram perdidas nessa grande batalha. As maiorias das famílias foram para o Mato Grosso em busca de terras para trabalhar e alimentar suas famílias, trabalhavam em fazendas, como agregados, arrendatários, etc., deslocando-se constantemente de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida e trabalho. Quando se trata de política, a maioria das famílias está de alguma forma inserida em grupos organizados como: Igrejas, CEB (Comunidades Eclesiásticas de Base), partidos políticos como o PT (Partido dos Trabalhadores), STRs (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), associações de bairros, grupos que lutavam pela causa coletiva na época.

Para a conquista do território do Assentamento Antônio Conselheiro, vale ressaltar que vieram famílias oriundas de acampamentos de regiões distintas, entre elas, famílias do acampamento “Antônio Conselheiro” do município de Nova Olímpia e famílias do acampamento “Facão” da região do município de Cáceres, ambos do Estado de Mato Grosso (SOUZA, 2022).

Houveram lutas, mobilizações, marchas coletivas e muita resistência, dessa forma, aconteceu acampamentos em frente ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em Cuiabá, ficando cerca de 40 dias. A partir desta concentração de mobilizações, se consegue o comodato na área que hoje é o Assentamento Antônio Conselheiro, ficando em período de acampamento até o ano de 1998, neste período sai o decreto de desapropriação (SOUZA, 2022).

A fazenda Tapirapuã onde foi fundado o Assentamento Antônio Conselheiro, contou com uma área de 37.258,81 hectares, envolvendo os três municípios: Tangará da Serra, Barra do Bugres e Nova Olímpia, ambos no estado de Mato Grosso, se encontra a 242 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá. Desse total, a área aproveitável foi de 24.218 hectares. Os demais ficaram para reserva, moradia ou inaproveitável. Ainda que a capacidade total do assentamento considerasse 900 famílias, segundo o MST, até 2010 o assentamento já abrigava 1200 famílias, chegando a 4.000 pessoas (SOUZA, 2013).

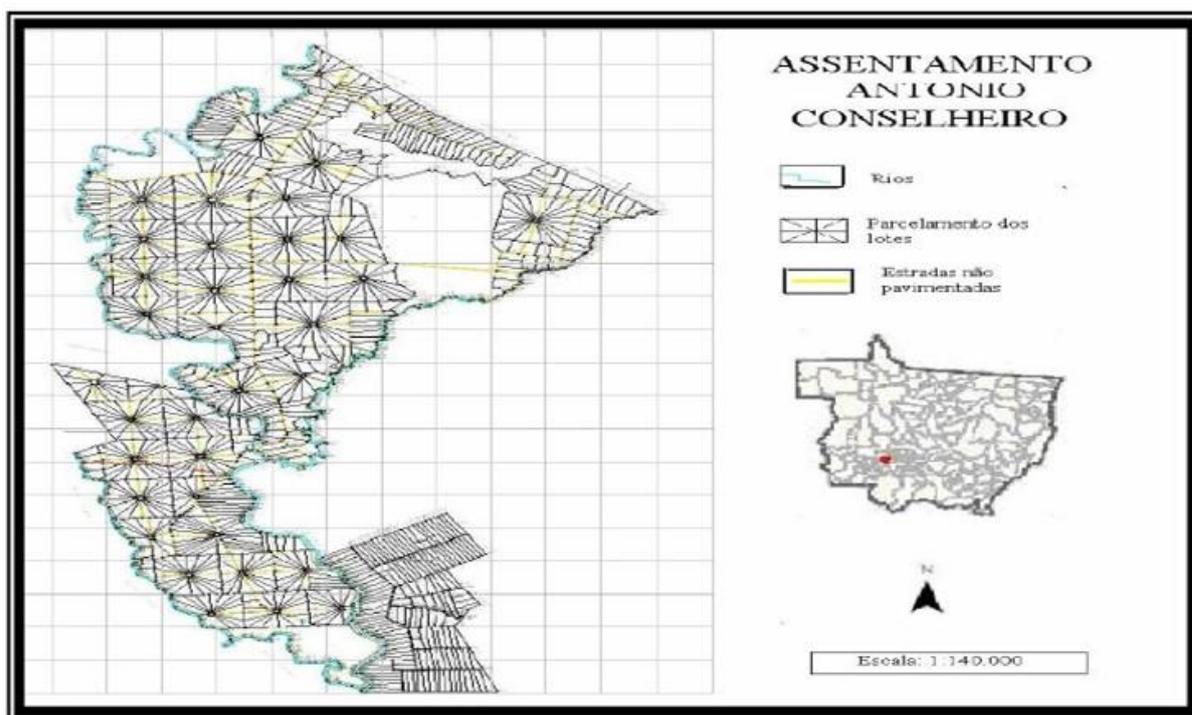
FIGURA 4 - Mapa de Localização do Assentamento Antônio Conselheiro, Estado de Mato Grosso.



Fonte: Silva, Queiroz e Galvanin (2017).

Para Souza (2013), sendo um dos maiores assentamento da América Latina, este está dividido em uma área com 40 lotes conhecida como Serra dos Palmares, outra denominada Irrigação com 12 lotes, além de 36 agrovilas com número variável de lotes em cada. O parcelamento dos lotes foi projetado tipo “raio de sol”, o que facilita um sistema de cooperação, comunicação, entre as famílias e a implantação de infra instrutura próximo das mesmas tais como: sistema de água, energia elétrica, estradas, posto de saúde, transporte escolar e outros.

FIGURA 5 - Mapa do Modelo de Parcelamento – “Raio De Sol”, Aplicado no Assentamento Antônio Conselheiro.



Fonte: INCRA (1999 apud SOUZA 2022).

Vale ressaltar que hoje o assentamento conta com uma infraestrutura de escolas, postos de saúde, estradas, água potável, entre outras questões pertinentes a permanência de famílias no local. Sabemos que, ainda precária estas assistências básicas, mas que possibilita que o camponês permaneça na terra, fruto de resistência e persistência de pessoas que acreditam que a Reforma Agrária ainda pode ser possível (SOUZA, 2022).

A maioria das famílias assentadas estão envolvidas em movimentos sociais, sindicatos, escolas, cooperativas e algumas igrejas organizaram ao longo da história do MST no Estado de MT. O assentamento Antônio Conselheiro possui 3 escolas de ensino médio e tem um papel importante na preservação da história do assentamento e conseqüentemente do MST, organizando atividades comemorativas para os trabalhadores como: data da primeira ocupação da região, Dia do Trabalhador, Semana do Sem Terrinha, Semana do trabalho voluntario, Semana Paulo Freire, entre outros (FERREIRA, 2013).

Como abordado por Souza (2013), o Assentamento Antônio Conselheiro é cercado por um sistema do agronegócio que enfatiza o cultivo da soja, algodão, produção de açúcar e álcool. Isso muitas vezes torna a sobrevivência da produção agrícola familiar um verdadeiro desafio. Dessa forma, muitos encontram empregos remunerados ou até mesmo partindo e migram para as cidades. Como o assentamento tem leite, banana, milho e outras culturas como renda para os assentados, os moradores aumentaram os incentivos e deram assistência financeira e técnica para garantir a permanência dessas famílias na terra. Há vendas em feiras de cidades próximas, mas em alguns casos os assentados saem no sábado para então só

retornarem domingo à tarde, e também a atravessadores que vem buscar dos assentamentos no próprio assentamento. Muito se perdeu no assentamento Antônio Conselheiro. Apenas algumas famílias mantêm sementes crioulas (sementes passadas de geração em geração), e algumas famílias preferem sementes híbridas. As linhas de produção predominantes são plantações de banana da terra (banana frita) e gado leiteiro, mas também tem produção de outras plantações voltadas a agricultura familiar.

Mesmo diante de toda historicidade exercida para a constituição do assentamento, o mesmo vem sofrendo com o ‘envelhecimento do campo’ ocasionado pelo êxodo rural da juventude. Sguarezi (2018), apresenta em seu estudo com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre os projetos junto à Juventude Camponesa do Assentamentos do Assentamento Antônio Conselheiro, o autor aborda que existe uma necessidade de políticas públicas que visem garantir que a juventude camponesa tenha a oportunidade de permanecer no campo. Diante dessa realidade, é imprescindível que as universidades participem do debate, proponham estratégias, se manifestem e defendam esses trabalhadores rurais. Esse exercício de construção participativa de projetos produtivos com jovens agricultores em assentamentos deixa algumas lições a serem aprendidas, como incluir as diversas possibilidades associadas a projetos coletivos baseados nos princípios da economia solidária e da agroecologia. No entanto, é imprescindível que o Estado busque fortalecer e aprimorar as políticas públicas locais em suas diversas áreas. Além disso, é fundamental que o Estado crie oportunidades de financiamento, apoio, assistência técnica e educacional, especialmente adaptadas às necessidades dos jovens agricultores.

1.3. História do Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara

Através da leitura do Projeto Político Pedagógico da escola e da dissertação de Souza (2022), foi realizada a análise do processo histórico que a escola obteve conforme os anos. O Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara é mantido pela prefeitura municipal de Tangará da Serra e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Vale destacar que até o ano de 2010 a escola era de responsabilidade do município, após esse período ficou de responsabilidade do Estado, sendo escola estadual entre 2010 a 2019, já em 2020 até os dias atuais, a escola voltou a ser de responsabilidade do município, sendo nessa dissertação e nesse momento Centro Municipal de Ensino. Estando localizada no Assentamento Antônio Conselheiro, Agrovila 1, Lote 22, Rodovia MT 339, Zona Rural.

No ano de 2021, estava com o quadro de 13 profissionais da educação, 10 professores, 1 limpeza e 1 funcionária secretaria. O número de alunos no respectivo ano era 118. Ofertando educação infantil, Pré I e II e ensino fundamental do 1º ao 9º ano.

C. M. E. Ernesto Che Guevara teve um longo caminho até chegar às suas atuais formações. Nos primeiros anos chamava-se Escola Tapirapuã, sendo uma instituição que atendia os filhos dos trabalhadores da Antiga Fazenda Tapirapuã, atendendo a classe primária, esse período durou até meados da década de 90 do século passado. Desta forma, abriu-se o espaço para um novo período que se iniciou com a criação do Assentamento Antônio Conselheiro, que a atual comunidade reconhece como um marco, ocorrido em 1996. E foi neste ano que as famílias Sem Terra saíram organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como forma de luta pela reivindicação de terras, formando uma concentração às margens da MT 358 no município de Nova Olímpia, criando uma comunidade com mais de 2.500 pessoas, concentração que recebeu o nome de Antônio Conselheiro, que mais tarde deu nome ao assentamento onde está construída a escola.

A maioria das famílias estava com filhos e filhas, por isso houve a necessidade de uma escola. Por não serem reconhecidos como moradores oficiais deste município, em Tangará da Serra-MT, não foi instalado uma escola e uma alternativa teve que ser encontrada para resolver este problema, portanto casas de palha e salas de aula improvisadas foram construídas para atender as necessidades educacionais da população. A Escola "Ernesto Che Guevara" foi fundada naquele momento para essas crianças.

Em 1998, a fazenda Tapirapuã foi desapropriada em decorrência da luta trabalhista pelo assentamento desses acampados. É neste momento que as histórias da escola "Ernesto Che Guevara" e da escola "Tapirapuã" se cruzam. Assim, as famílias institucionalizadas da região conquistam os direitos de cidadania e já podem se inscrever como Tangaraenses e como reflexo dessa conquista, a escola "Ernesto Che Guevara", mas com o nome da antiga escola já existente, Tapirapuã.

Essa dualidade é fruto da relação conflituosa entre a comunidade e o governo local, relação que durou vários anos, de um lado a comunidade reconheceu a escola "Ernesto Che Guevara" e do outro a secretaria municipal de educação que reconheceu oficialmente a escola como Tapirapuã. Assim foi construída a Escola Ernesto Che Guevara, e sendo possível destacar os seguintes andares vivenciados pela instituição: Em 1997, quando foi implantada sua instalação no município de Tangará da Serra-MT, contrariando as autoridades competentes, foram cumpridas as exigências de uma estrutura funcional com mantas e palhas de proteção, destinadas à construção de cabanas, que juntamente com as residências dos antigos moradores da fazenda, abrigam alunos que cursavam o ensino fundamental na época e alunos da EJA.

FIGURA 6 - Escola de palha.



Fonte: Souza (2022).

No ano de 1998, a prefeitura sobre pressão da comunidade doa uma escola desativada de madeira e apoiados neste momento pela prefeitura os assentados a constrói no Assentamento. Neste período a escola tem um grande crescimento, passa a ter em torno de 830 educandos e educandas, legalmente matriculados. Mantendo essa característica até início do ano de 2000.

Em 2000 a escola sofre uma mudança drástica, como todas as famílias já estão assentadas e o assentamento tem uma grande extensão houve a necessidade de construir duas outras escolas no Assentamento, a Escola “Paulo Freire” e “Marechal Rondon” pulverizando assim o número de alunos nestas respectivas escolas.

A escola segue neste ritmo até o ano de 2005, data que marca a inauguração da escola de alvenaria. Também marca a retomada do ensino noturno, estes dois itens, oportuniza a volta dos assentados a escola e conseqüentemente o aumento do fluxo de alunos na escola, aumento este, de mais de 50% no seu número de estudantes. Também é neste ano que a escola obtém uma das suas maiores conquistas, que foi a oficialização do nome “Ernesto Che Guevara.” Depois de tentativas frustradas nos anos anteriores, no dia 19 de julho de 2005, através do projeto de lei nº 2351/2005 do vereador José Jaconias do Partido dos Trabalhadores (PT).

FIGURA 7 - Escola de alvenaria.



Fonte: Souza (2022).

O ano de 2006 é marcado pela entrada de professores efetivos na escola, traz suas vantagens e limites. Mas a escola passa ter profissionais qualificados por área do conhecimento, porém houve mudança dos autores que vinham construindo junto com a comunidade a história da escola e surge a necessidade de adaptação dos novos sujeitos na dinâmica escolar, diminuindo um pouco o ritmo do processo histórico de construção da escola.

O último período em que a escola se encontra que é o processo de transição da escola que pertencia à rede municipal de ensino e passa então para a rede estadual de ensino.

Em 2009 iniciou-se o processo de estadualização da referida escola, pois o ensino fundamental e médio funcionava como extensão da Escola Estadual “Ministro Petrônio Portela Nunes”, ou seja, salas anexas. No dia 22 de maio de 2009 foi aprovada a estadualização do C.M.E. “Ernesto Che Guevara” através de uma Assembleia Pública com a comunidade escolar. E no dia 25 de agosto de 2009 é criada a Escola Estadual “Ernesto Che Guevara”, através do Decreto Lei 2.124 de 25 de agosto de 2009.

Em 2010 a escola foi protocolada como estadual e recebe o primeiro repasse da merenda escolar, o recurso do PDE que foi reprogramado para 2011. Também recebe professor efetivo. A escola depois de protocolizada recebeu parcialmente alguns repasses do Plano de Desenvolvimento da Escola, Merenda Escolar e Programa Dinheiro Direto da Escola.

Em 2011 a prefeitura municipal transferiu a pré-escola e o primeiro segmento EJA, estes, que ainda funcionavam como escola municipal e passou a funcionar como extensão da Escola Municipal “Jucileide Praxedes”, houve um retrocesso, pois, as turmas passaram a

funcionar multisseriada, deixando a comunidade surpresa e insatisfeita. Ainda em 2011 foi eleita a primeira diretora efetiva pela comunidade de forma democrática.

No ano 2012 houve a conquista do transporte escolar de qualidade, e mobiliário novo a vinda de mais efetivos para a escola e atendimento da sala de recurso. Em 2014, a escola ainda buscava junto ao CEE o credenciamento e autorização para funcionamento desta, para que pudesse expedir documentos escolares em geral.

Em 2015, a escola conquista o direito de expedir os documentos escolares, mas ainda aguarda a publicação no diário oficial do estado a autorização dos cursos da educação básica. No ano de 2019, ao final do ano letivo e em culminância com o final do termo de cedência do prédio do município para o estado, e da decisão da gestão municipal em retornar a estrutura para o município, também assim o faz com a educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental, oficializando assim o retorno do nome Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara.

Também cabe salientar que a escola está em constante transformação, e busca fortalecer-se como escola do/no campo, na luta por um currículo que garanta uma educação voltada para a realidade camponesa reafirmando seus valores e garantindo a qualidade do ensino e a inclusão.

No atual ano, de 2023, a escola está com um total de 130 estudantes, do município. A escola também está atendendo 22 estudantes, oriundos do estado atuando como salas anexas da Escola Estadual Ministro Petrônio Portela Nunes, do distrito de São Jorge.

No quadro de servidores, está composto por 22 funcionários, nas diversas funções, sendo, 1 na direção escolar, 1 na coordenação pedagógica e 11 professores em sala de aula e os demais, desempenhando funções na secretaria, administrativo, limpeza, pátio e cozinha, atuando nos períodos matutino e vespertino.

No ano de 2022, a escola passou a funcionar em período integral com horário de atendimento das 08:00 às 16:00.

A matriz curricular, na Educação Infantil, que atende o Pré I e Pré II com crianças pequenas de 4 a 5 anos e 11 meses. O currículo é composto pelos eixos norteadores: interações e as brincadeiras, abordando os campos de experiências: o eu, o outro e o nós, corpo, gestos e movimentos, traços, sons, cores e formas, escuta fala, pensamento e imaginação, espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Distribuídos em uma carga horária anual de 1656h, carga horária diária de 8h e 207 dias letivos anuais.

A matriz curricular no ensino fundamental, anos iniciais (800 horas anuais), do 1º ao 5º ano são: Linguagens com a língua portuguesa, educação física e arte. Matemática. Ciências da natureza com ciências naturais. Ciências humanas com história, geografia e ensino religioso.

O currículo diversificado (800 horas anuais) é composto por leitura e produção de texto, recreação e esporte, cultura e arte, raciocínio lógico, educação financeira, jardinagem e meio ambiente, iniciação científica e tecnológica, espaços curriculares educativos (recreio e almoço) com atividades de convivência, hábitos de higiene e alimentação.

A carga horária anual é de 1616 horas/aulas, 8 horas aulas diárias, com duração de 60 minutos cada aula, e 202 dias letivos anuais.

A matriz curricular no ensino fundamental, anos finais (800 horas anuais), do 6º ao 9º ano são: Linguagens com a língua portuguesa, língua inglesa, educação física e arte. Matemática. Ciências da natureza com ciências naturais. Ciências humanas com história, geografia e ensino religioso.

O currículo diversificado (800 horas anuais) é composto por leitura e produção de texto, recreação e esporte, cultura e arte, língua estrangeira moderna (inglês), raciocínio lógico, educação financeira, jardinagem e meio ambiente, iniciação científica e tecnológica, espaços curriculares educativos (recreio e almoço) com atividades de convivência, hábitos de higiene e alimentação.

A carga horária anual é de 1616 horas/aulas, 8 horas aulas diárias, com duração de 60 minutos cada aula, e 202 dias letivos anuais.

A escola está atualmente passando por processo de reforma e ampliação. Abaixo seguem fotografias realizadas via drone (aeronave remotamente pilotada) cedidas pelo engenheiro da obra de reforma da escola e autor das fotografias Fábio Frigeri (Fig. 8, 9, 10 e 11).

FIGURA 8 - Vista traseira da escola.



Fonte: Fábio Frigeri (2023).

FIGURA 9 - Vista superior da escola evidenciando as placas fotovoltaicas.



Fonte: Fábio Frigeri (2023).

FIGURA 10 - Vista superior da escola onde é possível visualizar a região de mata com curso d'água próximo.



Fonte: Fábio Frigeri (2023).

FIGURA 11 - Vista traseira da escola evidenciando a localização da horta escolar.



Fonte: Fábio Frigeri (2023).

1.4. Caracterizações do Público Entrevistado e Análise das Entrevistas

A pesquisa se desenvolveu em meio à pandemia da COVID-19, a mobilização para as entrevistas ocorreu via internet. Estas acabaram acontecendo quando as circunstâncias relacionadas com a própria pandemia impuseram a necessidade urgente de realizar algumas das atividades via encontros remotos, por meio de recurso de videoconferências, entre outros. As entrevistas foram desenvolvidas a partir do estabelecimento de um questionário semiestruturado, em que foi sugerida aos jovens entrevistados (página 17).

Como critério de escolha optou por entrevistar jovens da comunidade Ernesto Che Guevara, no Assentamento Antônio Conselheiro, tendo em vista que o objetivo da pesquisa, que é analisar a relação que se estabelece entre os jovens camponeses com a comunidade e com a Educação do Campo colocada em prática na região, as entrevistas se deram por meio de um questionário semiestruturado organizada nos formulários Google, cada entrevistado recebeu um link enviado por via Whatsapp.

O questionário foi encaminhado para 25 jovens, destes 20 jovens fizeram as devolutivas dos questionários. Os jovens selecionados para as entrevistas tinham entre 14 e 28 anos de idade, sendo treze do sexo feminino e sete do sexo masculino, todos pertencentes à comunidade.

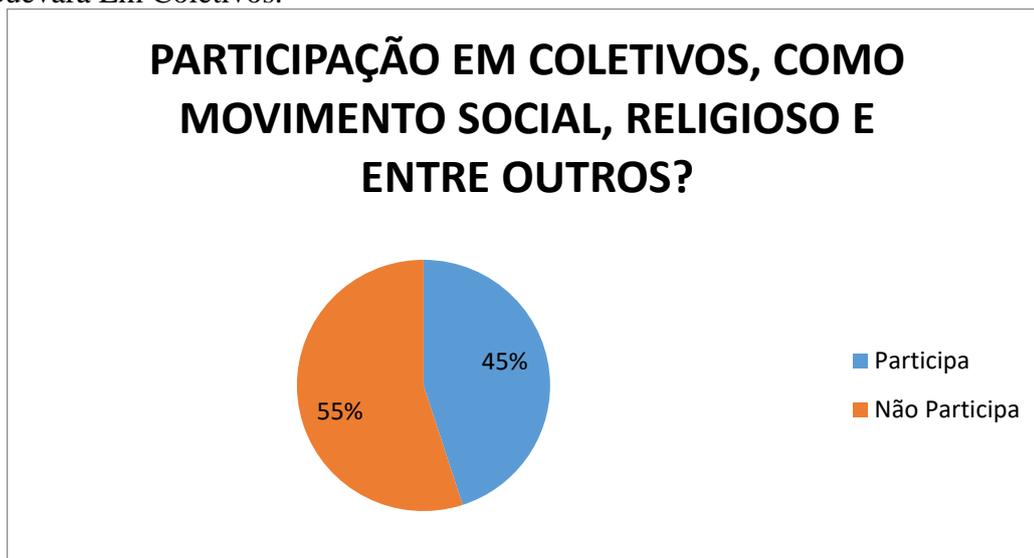
Entre os jovens que fizeram as devolutivas, treze deles eram alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, com idades entre 14 e 18 anos, e se identificaram como sendo do sexo feminino e masculino, com cor de pele autodeclarados pardo ou branco. Além dos estudantes foram entrevistados também oito jovens que já

concluíram o ensino médio e que já cursaram ou estão cursando o ensino superior com idades entre 22 e 27 anos, autodeclarados pardo ou branco.

Entre os entrevistados onze deles nasceram na comunidade e nove vieram para a comunidade quando criança.

A questão que fala sobre a participação dos jovens em coletivos, como movimento social, religioso e entre outros, optou-se por um gráfico representativo para melhor visualizar a conjuntura sobre a participação dos mesmos.

FIGURA 12 - Gráfico Representativo Da Participação Dos Jovens Da Comunidade Ernesto Che Guevara Em Coletivos.



Quando perguntados sobre a participação em algum coletivo, como movimento social, religioso, político, apenas um jovem respondeu que participa do coletivo de juventude do MST, um outro participa de uma associação, um não respondeu, um relatou ser filiado ao Partido dos Trabalhadores - PT, cinco tem participação em grupos de jovens e atividades da igreja, e a maioria, ou seja, onze, não participam de nenhum coletivo, desta forma 45% dos jovens relataram participar de alguma organização e 55% relatou que não participam ou não responderam.

Uma das entrevistadas explica que já esteve mais envolvida em movimentos, e que depois que ingressou na faculdade se distanciou, fala que já fez parte do grupo de jovens do partido e da igreja, que está distante, mas com vontade de voltar e que as correrias do dia a dia fazem com que adie coisas também importantes.

Dos jovens entrevistados três deles estão cursando o 8º ano do ensino fundamental, dois estão cursando o 9º do ensino fundamental, sete cursando 1º ao 3º o ensino médio, cinco com nível superior incompleto: um cursando Agronomia, um cursando Engenharia mecânica, uma odontologia, uma licenciatura em ciências biológicas e um UI Design.

Além dos citados acima três já concluíram o ensino superior: um concluiu licenciatura em Educação Física, uma Graduação em Enfermagem e um com licenciatura em geografia e especialização completa.

Quando perguntados sobre as profissões exercidas atualmente a maioria deles dizem estar satisfeitos, porém desejaria ter outro trabalho, um dos entrevistados diz que exerce a profissão de vaqueiro e que gosta do que faz, porém tem desejo de exercer sua formação que é ser professor de Educação física. Outra entrevistada diz que no momento exerce a função de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil - ADI, gosta do serviço, porém não é algo que queira trabalhar para sempre e se diz não estar completamente satisfeita, pois tem o sonho de trabalhar na área que está cursando sua licenciatura.

Em relação aos pais e responsáveis observamos que a maioria veio para comunidade, quando perguntados sobre a profissão que eles exercem conseguimos observar que alguns têm nível superior completo e que exercem várias funções diferentes tais como: servidores públicos, autônomos, aposentados, mecânicos, agricultores, professores, administradores, técnico em enfermagem, motorista, trabalhador rural, auxiliar de cozinha, micro empresário, cozinheira e operador de máquinas.

Ainda em relação aos pais e responsáveis foi perguntado se seus pais ou responsáveis tem acesso à terra para plantar o que deseja, dezessete responderam que sim e três responderam que não. Uma das entrevistadas diz “minha mãe tem um sitio conquistado com muita luta através do MST, onde conheceu meu pai que também conseguiu um pedacinho de terra por meio do movimento”.

1.5 Categorias de análises

As categorias de análises propostas são categorias emergentes dos relatos dos sujeitos da pesquisa, identificadas em uma primeira análise e tomadas para serem confirmadas posteriormente.

Como procedimento ético, onde a identidade dos sujeitos entrevistados não é revelada e a fim de preservá-los optamos por fazer a troca dos nomes verdadeiros dos entrevistados por pseudônimos, nesse sentido fizemos a escolha de referências como Che Guevara, Paulo Freire, Florestan Fernandes, Nelson Mandela, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, Karl Marx para identificar os jovens sexo masculino, e para identificar os jovens do sexo feminino fizemos a escolha de nomes de mulheres que foram referência de luta como, Margarida Alves, Nísia Floresta, Olga Benário, Dandara dos Palmares, Frida Kahlo, Chica da Silva, Roseli Nunes, Rosa Luxemburgo, Kenia Ferreira, Catarina Paraguaçu, Anita Garibaldi, Ana

Montenegro e Bertha Lutz, no entanto, alguns outros dados importantes como idade, onde nasceu, sexo, e entre outros serão revelados.

1.6 Entrevista Semiestruturada – Jovens Camponeses da Comunidade Ernesto Che Guevara, Assentamento Antônio Conselheiro, Tangará da Serra/MT.

A primeira questão a ser analisada refere-se a vida dos Jovens na comunidade, procurando compreender como é seu cotidiano.

QUADRO 2 - Sobre a vida na comunidade

Questionário	Questão 01- Como é sua vida na Comunidade? Suas atividades, o dia a dia?
Margarida Alves 22 anos	Como estou fazendo faculdade, preciso passar a semana em Tangará que é onde estudo, quando é sexta-feira após a última aula venho direto para casa. É aqui que atuo como manicure, atendo minhas clientes e curto minha casa. Na comunidade participo de atividades na igreja e quando tem atividades na escola que os professores precisam de ajuda sempre estou por lá, gosto muito de estar nas atividades que acontecem na escola mato a saudade e fico feliz em ajudar.
Nísia Floresta 22 anos	Em dias de semana trabalho na escola, e fim de semana fico em casa, geralmente arrumando o quintal e ajudando a cuidar dos animais, vacas, porcos e galinhas.
Olga Benário 16 anos	Normal, não costumo sair de casa, então faço os deveres da casa, e ajudo na criação do gado e faço cursos online no período vespertino.
Dandara dos Palmares 24 anos	É tranquilo, pois no momento eu só vou para comunidade nas férias da faculdade e então só realizo as atividades dia a dia mesmo.
Frida Kahlo 15 anos	É boa, vou para escola que é período integral que amo muito, quando eu volto ajudo minha mãe e depois vou fazer coisas que gosto.
Che Guevara 23 anos	Ajudo meu pai com as atividades no sítio durante a semana e faço feira nos domingos.
Paulo Freire 18 anos	Eu acordo bem cedo todos os dias às cinco da manhã, tiro leite depois tomo um copo de café, areio minha tropa e vou fazer ronda nos pastos vendo se não tem nenhuns reis com enfermidades.
Florestan Fernandes 23 anos	Tranquilo, trabalho, estudo, vivo bem na comunidade.
Nelson Mandela 27 anos	Trabalho numa fazenda de segunda a sábado e no fim de semana estou na comunidade.
Martin Luther King 14 anos	Estudo em tempo integral, tiro leite, criamos porco e galinha.
Chica da Silva 14 anos	Estudo em tempo integral e faço serviços de casa.
Roseli Nunes 28 anos	E muito boa, tranquila, um lugar de paz.
Zumbi dos	Minha vida é boa na comunidade diariamente vou para escola com um

Palmares 16 anos	ônibus que me pega e deixa na porta de casa nos finais de semana fico com minha família.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Boa, passo o dia todo na escola e nos finais de semana vou para cidade.
Kenia Ferreira 17 anos	Boa
Catarina Paraguaçu 17 anos	Boa, meu dia-a-dia é vir para a escola e ajudar em casa.
Karl Marx 17 anos	É boa, faço diversas coisas.
Anita Garibaldi 14 anos	Estudo em período integral na C M E Ernesto Che Guevara
Ana Montenegro 25 anos	É tranquila, no momento estou me dedicando ao meu bebê, então é uma rotina de uma mãe.
Bertha Lutz 17 anos	Minha na comunidade é boa, meu dia a dia é estudar.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

A relação dos jovens com a comunidade é harmônica, podemos notar que os jovens se sentem bem em viver no local, se referem à comunidade como um lugar de paz e tranquilo. Conseguimos observar que a maioria dos jovens se divide entre o estudo e o trabalho, ajudam com os afazeres de casa e contribuem com as criações de animais e produções dos sítios.

Os jovens com idade entre 14 e 17 anos de idade estudam no Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara que funciona em tempo integral e fica localizada na comunidade, nos relatos, vários jovens citaram sobre estudar o dia inteiro.

Outro público já fala sobre o estudo em nível superior, observamos que alguns jovens acabam não tendo o contato diário com a comunidade por terem que ficar na cidade para estudar ou em outras cidades e até mesmo estados.

Em trabalho realizado por Schwendler (2020), é abordado que a divisão do trabalho de acordo com o sistema de sexo/gênero afeta significativamente a educação da geração mais jovem. E são também iniciadores de conflitos geracionais e de possíveis mudanças, porque os jovens, além de crescerem em diferentes períodos históricos, integram diferentes sistemas de gênero que mudam com as mudanças na agricultura, a influência do mundo globalizado, e o acesso à informação e à educação, formação de gênero, auto-organização, participação em movimentos sociais e vivência de experiências colaborativas. As hierarquias de gênero e geração delineiam a divisão do trabalho no campo – um padrão que se (re)produz dentro das famílias, a partir de certas práticas sociais e da legitimidade da autoridade masculina.

FIGURA 13 - Festa Escola Ernesto Che Guevara: Foto dos alunos que participaram do desfile 07 de setembro. Alunos do 6º ano fundamental ao 3º ano do ensino médio.



Fonte: Acervo da C.M.E Ernesto Che Guevara.

FIGURA 14 - Festa Escola Ernesto Che Guevara: Foto dos alunos que participaram da comemoração da Festa junina da Escola Ernesto Che Guevara. Alunos do 6º ano fundamental ao 3º ano do ensino médio.



Fonte: Acervo da C.M.E Ernesto Che Guevara.

QUADRO 3 - Projeto de vida futuro

Questionário	Questão 02- Como imagina sua vida daqui a 10 anos?
Margarida Alves 22 anos	Olha sou uma pessoa bem indecisa em relação aos próximos passos, mas gostaria de estar estabilizada em relação a minha profissão com uma bagagem boa, sendo feliz atuando na minha área de formação em consequência acredito que a estabilidade financeira virá kkkkk. Só quero estar feliz, com saúde e com minha família.
Nísia Floresta 22 anos	Imagino que terei uma estabilidade financeira melhor, estarei trabalhando na minha área, pretendo continuar morando no sitio.
Olga Benário 16 anos	Formada, com uma boa estrutura familiar e financeira, conquistando ainda mais sonhos e conhecimentos para poder passar adiante!
Dandara dos Palmares 24 anos	Espero estar formada e atuando na minha comunidade.
Frida Kahlo 15 anos	Me imagino formada em agropecuária ter o carro que eu quero e dar o melhor de mim para conquistar minhas coisas.
Che Guevara 23 anos	Conseguindo viver bem e trabalhando com o que gosto.
Paulo Freire 18 anos	Me imagino bem, com saúde e bastante sabedoria.
Florestan Fernandes 23 anos	Formado e trabalhando.

Nelson Mandela 27 anos	Sendo um profissional bem sucedido.
Martin Luther King 14 anos	Formado e casado.
Chica da Silva 14 anos	Imagino-me realizada profissionalmente.
Roseli Nunes 28 anos	Concursada, criando minhas filhas no sítio.
Zumbi dos Palmares 16 anos	Espero estar com saúde e já ter terminado a faculdade e ter um emprego bom, ter estabilidade financeira e poder ajudar minha família.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Formada com meu próprio emprego e minha casa.
Kenia Ferreira 17 anos	Imagino-me com faculdade concluída, e construindo uma família e em busca do progresso de ter uma casa própria etc..
Catarina Paraguaçu 17 anos	Com a faculdade terminada, um trabalho e uma vida boa.
Karl Marx 17 anos	Com a faculdade terminada, um trabalho e uma vida boa.
Anita Garibaldi 14 anos	Tendo uma formação na faculdade e tendo um emprego me sustentando sozinha.
Ana Montenegro 25 anos	Com meus sonhos, metas e objetos realizados e minha família unida.
Bertha Lutz 17 anos	Estar terminando a minha faculdade, e já ter meu próprio lar.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Os sonhos dos jovens são muitos, alguns ainda se sentem indecisos em relação a vida daqui a 10 anos, outros pretendem constituir família, ter saúde e sabedoria e com uma vida tranquila.

Mas a maioria dos entrevistados sonha em cursar o nível superior, estar realizados profissionalmente e ter uma estabilidade financeira, para adquirirem bens como casas, carros entre outros.

Outros afirmam a vontade de continuar na comunidade de criar seus filhos, pensam em concluir sua formação superior e atuar no assentamento, juntamente com sua família aproveitando o que as oportunidades que o campo oferece.

FIGURA 15 - Cachoeira Salto Maciel, rio Sepotuba.



Fonte: RS Imagens.

QUADRO 4 - Motivos para se manter na comunidade.

Questionário	Questão 03- Quais os motivos para você ficar na comunidade?
Margarida Alves 22 anos	Aqui foi onde nasci e me criei tenho um amor muito grande por esse lugar. Acredito que é por toda a história que vivemos nossas raízes estão fincadas nessa terra, não me vejo longe daqui acredito que de alguma forma o destino sempre me trará para cá mesmo eu sabendo que vou precisar ir para trabalhar e construir minha vida.
Nísia Floresta 22 anos	Minha prioridade é o melhor para meu filho, pensando assim, creio que o melhor para ele seja crescer em um ambiente tranquilo, onde possamos passar os valores que o campo nos proporciona.
Olga Benário 16 anos	A vida que tenho aqui, não se compara com a vivência dentro da cidade.
Dandara dos Palmares 24 anos	Por que eu nasci e cresci na comunidade e foi onde eu aprendi quase tudo que sei hoje, e não penso em sair de lá nunca, penso em melhorar as coisas na minha propriedade e por posterior as dos vizinhos se assim eles quiserem e permitirem.
Frida Kahlo 15 anos	Realizar uma vontade de comprar um sítio aqui e ficar perto dos meus pais e ajudar eles no que precisar.
Che Guevara 23 anos	Apenas minha família.
Paulo Freire 18 anos	Estou aqui mais pelo meu avô.
Florestan Fernandes 23 anos	O sossego do sítio, tudo o que plantamos, colhermos.
Nelson Mandela 27 anos	Gosto do lugar, e fico perto da minha família.
Martin Luther King	Minha família mora aqui, além de eu gostar muito daqui.

14 anos	
Chica da Silva 14 anos	Por causa da família, e porque gosto do lugar.
Roseli Nunes 28 anos	Um lugar tranquilo, sem agitação da cidade, ar sem poluição, comunidade unida pelo fato de todos se conhecer.
Zumbi dos Palmares 16 anos	Moro com meus pais e porque é um lugar tranquilo e ótimo para crescer.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Porque aqui me sinto bem.
Kenia Ferreira 17 anos	Para ficar fazendo companhia para meus pais e ajudando no que eles precisam!
Catarina Paraguaçu 17 anos	Porque gosto da comunidade e além de querer terminar o ensino médio aqui.
Karl Marx 17 anos	Estão as pessoas q eu conheço e gosto.
Anita Garibaldi 14 anos	Porque eu gosto do lugar e das pessoas.
Ana Montenegro 25 anos	A paz, tranquilidade, as pessoas, a história desse lugar, minha família.....
Bertha Lutz 17 anos	Meus pais.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Quando perguntados sobre quais motivos para continuarem na comunidade, a maioria dos jovens, afirma sobre gostar do lugar onde vivem e ficar próximos de seus familiares. Outros citam sobre o sossego e a tranquilidade em morar no campo, sobre plantar e colher e a relação com as pessoas que moram no local, sentem-se à vontade e felizes.

Conseguimos observar que a relação dos jovens com a comunidade é harmônica, que os mesmos se sentem felizes em viver ali, pois é o lugar onde alguns nasceram e cresceram e outros vieram ainda pequenos, a ligação dos mesmos com a terra e com o campo é forte e os mesmo sabem os valores que o campo proporciona para suas vidas, ressaltam a importância de viver no campo de criar seus filhos, produzir seus alimentos, e a importância que a família tem em suas vidas.

Figura 16 - MT 339 Assentamento Antônio Conselheiro: Foto da MT 339 Assentamento Antônio Conselheiro, Tangará da Serra- MT.



Fonte: RS Imagens.

QUADRO 5 - Felicidade

Questionário	Questão 04- O que é felicidade?
Margarida Alves 22 anos	Acredito que a felicidade é um estado de alegria em equilíbrio com outros sentimentos que enchem nosso coração de leveza e calma que transbordam em um sorriso. É difícil definir esse sentimento ele parece tão simples ao mesmo tempo que a gente passa vários minutos refletindo sobre o que é felicidade, só me vem a cabeça coisas que trazem felicidade que muda a definição kkkk.
Nísia Floresta 22 anos	Ter qualidade de vida e ser grato por tudo que tem hoje.
Olga Benário 16 anos	Felicidade é um momento na qual não existe dor e nem sofrimento, apenas o sentimento de bem estar consigo mesmo e com tudo em volta, você se sente plenamente satisfeito!
Dandara dos Palmares 24 anos	Felicidade é conseguir as coisas que tanto nos esforçamos para fazer. E você ver que depois de tanto esforço e dedicação você enfim conseguiu. Isso te traz uma satisfação e uma felicidade enorme.
Frida Kahlo	Felicidade pra mim e quando eu fico perto das pessoas que eu amo e

15 anos	quando eu tô na escola tendo aula da minha melhor professora.
Che Guevara 23 anos	É o resultado de coisas que me faz bem.
Paulo Freire 18 anos	Pra mim é fazer o que gosta nada na vida é fácil tudo tem dificuldade e tudo é cansativo, mas quando se faz o que gosta é muito mais tolerável do que uma profissão que não o agrada.
Florestan Fernandes 23 anos	Ter saúde. Família e um lar.
Nelson Mandela 27 anos	O objetivo de todos.
Martin Luther King 14 anos	É se sentir bem estar se divertindo.
Chica da Silva 14 anos	É ter saúde, está feliz, ver minha família bem.
Roseli Nunes 28 anos	Você está em um ambiente agradável, que se senta bem, com pessoa que te faz sorrir e quando você chora te ajuda.
Zumbi dos Palmares 16 anos	Felicidade é a palavra que descreve momentos de completa satisfação que esquecemos os problemas e focamos somente na sessão boa de alegria.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Tudo que nos faz bem.
Kenia Ferreira 17 anos	Felicidade, é resumida em estar grato.
Catarina Paraguaçu 17 anos	Felicidade é um sentimento de bem-estar.
Karl Marx 17 anos	Felicidade pra mim, é ter ao meu redor pessoas q gosto e me sentindo bem com a vida.
Anita Garibaldi 14 anos	Estar com as pessoas que eu amo, estar com saúde em lugares que eu gosto.
Ana Montenegro 25 anos	É minha família bem e realizada.
Bertha Lutz 17 anos	É saber que conseguimos conquistar as nossas coisinhas aos poucos e estarmos satisfeitos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

A felicidade para os jovens entrevistados está diretamente ligada ao bem-estar, a uma vida tranquila, próximos às pessoas que eles amam, e a conquistar seus objetivos.

Percebe-se que os jovens são muito motivados e que valorizam a autonomia e a liberdade. São otimistas em relação à visão de futuro e de objetivos a serem alcançados por eles, visão qualidade de vida e saúde para si e para seus familiares.

Visão ter uma vida agradável, com significado, com experiências de entrega completa com sentimentos de realização e sucesso e a presença de relações positivas com os outros.

QUADRO 6 - Vida boa e qualidade de vida.

Questionário	Questão 04- Oque é vida boa? Oque é qualidade de vida?
--------------	--

Margarida Alves 22 anos	Olha em outros tempos eu iria responder que vida boa era ter dinheiro kkkkkkkk também é, mas não é o principal. Acredito que vida boa é ter estabilidade emocional, emprego, profissão, moradia e estabilidade financeira. Qualidade de vida é ter uma vida digna com direitos resguardados, acesso a saúde pública de qualidade, emprego, moradia, tratamento de água e esgoto, educação, alimentação, lazer e dignidade.
Nísia Floresta 22 anos	Uma vida sem preocupação, onde você e sua família tenham saúde, trabalhar com o que ama, e não precisar se preocupar com questão financeira. Conseguir viver em paz com você e seus pensamentos, estar em lugares que você consiga se sentir bem, e ter hábitos saudáveis.
Olga Benário 16 anos	Vida boa é uma vida sem preocupações, pois conquista e consegue aquilo que quer no momento que quer ou deseja, sem precisar de muito esforço, talvez pelo fato de já ter se esforçado muito para se encontrar de fato dessa forma, neste momento! Qualidade de vida, é o bem estar psicológico, físico, mental, emocional, a saúde e etc...
Dandara dos Palmares 24 anos	Vida boa é usufruir das coisas que a vida te dá sem ficar pensando que não deveria por que tem isso é aquilo pra fazer e pagar... É você ter o mínimo e ainda assim conseguir fazer o máximo.
Frida Kahlo 15 anos	Vida boa pra mim e ter saúde, vida financeira estável e ser feliz comigo mesmo e não ligar pra opiniões dos outros e também obter conhecimento a todo o momento porque estamos aqui pra sempre aprender novas coisas. E a pessoa trabalhar e conquista o que tanto quis e ter uma qualidade de vida boa que ela sempre quis.
Che Guevara 23 anos	Para mim é conseguir viver bem fazendo coisas que eu gosto, trabalhando com o que eu gosto.
Paulo Freire 18 anos	Não falta saúde e amor o resto agente corre atrás. Uma boa casa um bom meio de transporte uma boa família saúde que nunca pode faltar e também fé em Deus.
Florestan Fernandes 23 anos	Morar no sítio, ter uma boa alimentação, um bom acesso à saúde.
Nelson Mandela 27 anos	Uma vida alegre feliz abençoada. É você ter acesso a uma vida digna.
Martin Luther King 14 anos	Mora no sítio onde tem mais liberdade e espaço. Ter uma casa, dinheiro, carro.
Chica da Silva 14 anos	Vida boa é estar onde você quer estar com as pessoas que fazem você feliz. É você viver bem, conseguir se manter.
Roseli Nunes 28 anos	Você ter paz, você desfrutar dos benefícios do seu trabalho.
Zumbi dos Palmares 16 anos	Vida tranquila onde tenha um bom emprego sem se matar de trabalhar para pagar as contas ter uma boa casa um bom carro e que consiga passar um tempo com minha família. Para mim qualidade de vida e ter acesso à saúde de qualidade ter acesso a cultura e educação ter boas relações sociais.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Tudo, onde você não passa necessidade.

Kenia Ferreira 17 anos	Refere-se a uma vida sem preocupação, apenas com tranquilidade, na qual o indivíduo tem tudo que deseja sem ter que se esforçar por nada. Qualidade de vida indica o nível das condições básicas e suplementares do ser humano.
Catarina Paraguaçu 17 anos	Vida boa é uma felicidade pessoal e tranquilidade. Qualidade de vida são as condições básicas como: Bem-estar, saúde física e psicológica.
Karl Marx 17 anos	É uma vida onde você se sente bem, em relação a tudo. Onde sua vida é bem melhor e bem estruturada.
Anita Garibaldi 14 anos	É estar bem comigo mesmo, estar feliz com o que conquisei. Ter uma alimentação saudável, educação e moradia de qualidade.
Ana Montenegro 25 anos	É você conseguir trabalhar, se sustentar e sobra um tempo pra si.
Bertha Lutz 17 anos	Creio eu que é uma vida sem preocupações, tudo no seu devido lugar. Você está bem mentalmente e fisicamente.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Analisando as entrevistas observamos que a qualidade de vida e vida boa dos jovens está relacionada a diversos aspectos, tais como fatores relacionados à saúde, questões sociais, pessoais e religiosos.

Para eles todos esses aspectos influenciam para terem uma vida tranquila sem preocupações, com saúde mental e física, bem-estar, realização profissional, acesso à cultura e educação, uma boa alimentação e estar próximos a família.

Todos esses fatores influenciam para uma vida melhor e com mais qualidade e boas vibrações incentivando os mesmos a irem em busca de boas realizações e concretizações de sonhos.

Figura 17 - Desfile 07 de Setembro: Foto da Ala de produção agrícola e pecuária do Assentamento Antônio Conselheiro.



Fonte: Acervo C.M.E Ernesto Che Guevara.

QUADRO 7- Oportunidades

Questionário	Questão 05- Oque é oportunidade? E quais você deseja que façam parte da sua vida?
Margarida Alves 22 anos	Acredito que uma oportunidade seja a chance de tornar possível algo em nossa vida que muitas vezes não temos as ferramentas necessárias para trilhar o caminho de conquistá-las, sem que a oportunidade nos surja. É algo que as vezes muitas pessoas com potencial, vontade e talento não tem para realizar seus sonhos. Gostaria que a oportunidade de ser uma boa profissional em saúde pública faça parte do meu futuro, que eu me esforce para que isso possa se tornar realidade.
Nísia Floresta 22 anos	Uma circunstância favorável para que você possa realizar algo, desejo que ter a oportunidade de realizar todos os meus sonhos. Quero a oportunidade de conseguir trabalhar com oque amo, que tenha uma vida bem estabilizada, que consiga adquirir terras.
Olga Benário 16 anos	Oportunidade é uma ocasião favorável pela qual uma porta se abre e você se dispõe a entrar porque é aquilo que você desejou e se dispõe a mudar de vida (seja ela de qual forma). Desejo a oportunidade de uma boa carreira profissional!
Dandara dos Palmares 24 anos	É você ter a chance de fazer um curso ou uma graduação mesmo não querendo no primeiro momento e depois descobrir que é perfeita pra você. Espero ter a oportunidade de conseguir estágios nas empresas que eu almejo.
Frida Kahlo 15 anos	É eu ter uma oportunidade de levar minha mãe pra onde ela quiser conhecer e fazer de tudo pra ela fica feliz.
Che Guevara 23 anos	Poder crescer na área que trabalho.
Paulo Freire 18 anos	Oportunidade pra mim é de ser um grande profissional naquilo que eu gosto.
Florestan Fernandes 23 anos	Oportunidade de viver, crescer e desfrutar da vida.
Nelson Mandela 27 anos	Oportunidade é você poder ter acesso a meios que possam transformar sua vida com o seu esforço. Oportunidade de ter um emprego bom, de ter seu próprio negócio.
Martin Luther King 14 anos	Ganhar uma bolsa de estudos em umas das melhores faculdades da região.
Chica da Silva 14 anos	Oportunidade pra mim e você fazer sua Oportunidade, correr atrás do seus sonhos, é de poder ter moradia, saúde, uma profissão.
Roseli Nunes 28 anos	A entrevistada não respondeu a pergunta.
Zumbi dos Palmares 16 anos	São ocasiões e situações favoráveis que podem mudar a questão atual da pessoa, oportunidade de cursar uma faculdade pública.
Rosa Luxemburgo 15 anos	São ocasiões e situações favoráveis que podem mudar o estão atual da pessoa, oportunidade de cursar uma faculdade pública.
Kenia Ferreira 17 anos	Uma oportunidade é vista como um acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado atual de um indivíduo, uma situação nova que traga benefícios. Quero ter oportunidade de concluir uma faculdade e ter um bom emprego!
Catarina Paraguaçu	Não respondeu a pergunta.

17 anos	
Karl Marx 17 anos	Oportunidade é objetivos q pretendo ter, ter a oportunidade de mexer com tecnologia que é oque eu mais gosto.
Anita Garibaldi 14 anos	Oportunidade e ter meus direitos enquanto cidadã respeitados, tais como direito a ingressar em uma Universidade pública. Desejo que essa a oportunidade faça parte da minha vida, além de outros objetivos que almejo para minha vida pessoal, em relação a vida profissional, familiar, viver em comunidade com oportunidades e direitos garantidos a todos os cidadãos!
Ana Montenegro 25 anos	Acredito que oportunidades é aquilo que a gente procura, se dedica pra conseguir. Desejo que eu consiga um mestrado, iniciar uma nova faculdade, uma vida melhor e de Qualidade pra minha família.
Bertha Lutz 17 anos	São oportunidades que a vida e Deus nos da capaz de melhorar nossa condição de vida e entre outras coisas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Quando perguntados sobre o que é oportunidade, e quais desejariam que fizessem parte de suas vidas, grande parte dos jovens que responderam ao questionário citam a oportunidade de ter um emprego e de cursar nível superior em uma universidade pública.

Observamos que os jovens estão sempre em busca de oportunidades para melhorarem suas vidas, seja no meio profissional, pessoal ou familiar.

Reafirmam o amor por suas famílias, mostram interesse em ajudá-las de alguma forma e veem na formação acadêmica e profissional um meio pelo qual podem mudar o rumo de suas histórias.

Outros jovens citam oportunidades que envolvem o meio social, como direito à moradia, a saúde e outros direitos que deveriam ser garantidos a os cidadãos, nota-se que esses jovens almejam oportunidades para si e para a sociedade em geral, deixando evidente a preocupação com a transformação e visando uma sociedade mais igualitária.

QUADRO 8 - Dificuldades Da Vida No Campo.

Questionário	Questão 06- Existem dificuldades em morar no campo? Quais?
Margarida Alves 22 anos	Sim, existem muitas dificuldades e a principal delas é ser visto pelo poder público em vários aspectos como: educação, saúde, lazer, investimento em programas como agricultura familiar e saneamento básico. As melhorias sempre chegam por último até nós, quando chegam. É preciso desgaste muitas vezes com a movimentação do povo pra ir atrás dos nossos direitos é triste essa realidade, mas já estivemos pior aqui continuamos lutando por melhorias e por nossos direitos assegurados.
Nísia Floresta 22 anos	Sim, muitas vezes sentimos falta de opção de lugares para sair como: restaurante, sorveterias, pizzaria; E a dificuldade caso precise urgente de um hospital, porque tem a necessidade de ir para cidade, oque gasta em média 30 minutos.
Olga Benário 16 anos	Sim, a falta de oportunidade para a realização de cursos presenciais, e a falta de escolhas para períodos estudantis, ex; a escola nos oferece apenas o período integral para todos os alunos, diminuindo a realização de

	diversas atividades q poderiam ser feitas se fosse apenas meio período!
Dandara dos Palmares 24 anos	No momento não.
Frida Kahlo 15 anos	Não.
Che Guevara 23 anos	Todas as dificuldades de viver afastado da cidade, como dificuldades para estudar, não poder ter uma internet de qualidade com um preço acessível, já que é essencial para o meu trabalho dentre outras coisas.
Paulo Freire 18 anos	Existe sim que é falta de verba/investimentos na localidade nas propriedades, acesso a saúde de qualidade que é fundamental e ao conhecimento como ensino superior.
Florestan Fernandes 23 anos	Não muito, porém precisamos de mais investimento para o campo.
Nelson Mandela 27 anos	Sim, pouco interesse dos políticos na agricultura familiar fazendo com o que nos busca fontes de rendas fora da comunidade.
Martin Luther King 14 anos	Não porque aqui tem como plantar tem mais espaço para criar gado.
Chica da Silva 14 anos	Sim, distância da cidade, estrada, cursar níveis superior, acesso a saúde.
Roseli Nunes 28 anos	Não.
Zumbi dos Palmares 16 anos	Sim, ter que sair do campo para estudar ou trabalhar por falta de oportunidade no campo.
Rosa Luxemburgo 15 anos	Não muita só quando vamos pra cidade e chove e as estradas ficam horríveis, infelizmente as estradas do assentamento são muito ruins.
Kenia Ferreira 17 anos	Sim, por conta ter não ter comércios como farmácia, hospitais dentre outros, por esses motivos é necessário às pessoas sair do campo e ir até a cidade para comprar medicamentos ou fazer consultas em caso de urgência!
Catarina Paraguaçu 17 anos	Sim, não tem hospitais e as consultas no campo são agendadas duas vezes na semana e as escolas.
Karl Marx 17 anos	No meu ponto de vista a distância pra cidade.
Anita Garibaldi 14 anos	Sim a falta de acesso, dificuldade de fazer o ensino superior, estradas e assistência médica.
Ana Montenegro 25 anos	Eu acredito que sim, hoje está difícil das pessoas se manterem do sítio, não à capital pra se manter no campo.
Bertha Lutz 17 anos	Sim, a principal é estudar, não tem hospital...

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Viver no campo permite várias experiências maravilhosas, como cultivar seu próprio alimento, o contato com a natureza e os animais, além de uma rotina de vida mais tranquila em relação aos centros urbanos.

Porém, existem os desafios e dificuldades em morar no campo, observamos isso através da análise dos questionários respondidos pelos jovens da comunidade Ernesto Che Guevara.

Grande parte deles relata que há dificuldades em viver no campo, e esses desafios estão diretamente ligados à falta de políticas públicas voltadas para o campo ou a não implantação das mesmas em algumas regiões.

O acesso ao nível superior, assistência médica, infraestrutura, acesso a lazer, meios tecnológicos são pontos citados pelos jovens em suas respostas.

Sabemos que no campo existem diversas demandas, que podem ser trabalhadas por meio de políticas sociais, e que se aplicadas de forma eficiente, podem melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, atendendo homens e mulheres, crianças e jovens, adultos e idosos e proporcionar maior oportunidades de permanência desses povos em suas origens.

Cabe a comunidade também fiscalizar e cobrar juntamente aos órgãos responsáveis para que essas demandas sejam implementadas dentro da comunidade, uma comunidade organizada pode mudar sua realidade e conseguir alcançar objetivos que beneficiem todos.

FIGURA 18 - Desfile 07 de Setembro: Foto da Ala Cultura, Esporte e Lazer desfile 07 de setembro, alunos Marcos e Emanuel tocando berrante.



Fonte: Felipe Pereira de Barros.

QUADRO 9 - Influencia da escola.

Questionário	Questão 08- Qual influencia que a escola exerce sobre seu desejo de partir ou ficar no campo?
Margarida Alves 22 anos	A maior parte do eu que foi construído até aqui vem da minha formação escolar na Ernesto Che Guevara, naquele espaço fui ensinada a importância do trabalho coletivo, formação de consciência política, humanizar as relações, valorizar a cultura seja ela qual for, respeitar as diferenças, o valor da nossa terra, a importância da educação, olhar as dificuldades do povo, nesse lugar eu cresci aprendendo que eu devo sempre ser melhor do que ontem como ser humano acredito que por isso que meu carinho por lá e pelas pessoas que trabalham ali seja tão grande. Meu coração dói em saber que vou me distanciar, mas é preciso na profissão que escolhi para minha vida.
Nísia Floresta 22 anos	A escola me mostra que podemos ter educação de qualidade mesmo estando no sítio, que não precisamos nos locomover para poder estudar, o que nos deixa tranquilo sabendo que mesmo no sítio teremos as mesmas oportunidades que as pessoas da cidade, e que tudo depende dos nossos esforços.
Olga Benário 16 anos	A escola nos possibilita através da convivência uma troca de conhecimento e amadurecimento intelectual contribuindo assim para o convívio social, nos mostra a importância da preservação do nosso meio e nos ensina um pouco mais sobre a importância da agroecologia.
Dandara dos Palmares 24 anos	Estudei minha vida inteira em escola do Campo e digo mais minha vida inteira estudei na escola Ernesto Che Guevara e meus pais trabalham na mesma, temos uma propriedade que vale muita pena investir e a escola me ensinou a aproveitar as coisas enquanto podemos, pensando nisso tive a oportunidade de cursa Agronomia pra melhorar as coisas lá em casa e assim não precisar e nem sentir a necessidade de ir para a cidade.
Frida Kahlo 15 anos	Me incentiva a continuar meus estudos, a continua na comunidade onde eu vivo e me ajuda muito na convivência na comunidade, gosto de estudar lá na escola porque eu sinto que lá me faz bem estando junto com eles e também eles me ensinam muitas coisas.
Che Guevara 23 anos	Nenhuma.
Paulo Freire 18 anos	A escola ensina bem mais vai do gosto de cada querer ficar ou não no campo a vida aqui não é fácil tem que ter coragem de morar no campo sabendo dos riscos eu mesmo me acidentei alguns dias com boi que quebrou meu pé mais sigo forte louco pra volta ao meu cerviso que nasci pra fazer.
Florestan Fernandes 23 anos	A escola do campo nos ensina que não precisamos sair do campo pra crescer na vida. Podemos viver bem no campo desfrutando das suas riquezas.
Nelson Mandela 27 anos	Nenhuma.
Martin Luther King 14 anos	Nos incentiva permanecer no campo, na minha comunidade onde nasci, e que eu posso ter um futuro aqui.
Chica da Silva 14 anos	A escola me incentiva a ficar, pois nos mostra que na comunidade temos oportunidade de crescer e de contribuir de alguma forma para melhorar o espaço onde vivemos nos ensina a sermos pessoas melhores e mais solidárias incentivando sermos mais solidários e humanos.

Roseli Nunes 28 anos	Quando era jovem sempre quis sair do campo para curtir festa, pois via que aqui não tinha o que faz, porém como tempo tudo mudou, aprendi que em tudo tem oportunidade de fazer o que gosta sem sair da terra, uni as duas coisas que a qualidades de vida é outras da terra você tira o sustento.
Zumbi dos Palmares 16 anos	A escola me ajudou a abrir meu pensamento para a possibilidade de cursar uma faculdade por outro também me ensinou sobre a importância das pessoas que moram no campo e que produzem.
Rosa Luxerburgo 15 anos	Eles fazem com que nos sintamos mais a vontade mesmo sabendo q a escola fica no sitio, valorizando nossa cultura e nossa vida aqui.
Kenia Ferreira 17 anos	Todos os alunos ao cursar o 3ºano do ensino médio, tem que sair do campo para a cidade para cursar uma faculdade. Ou seja, no meu ponto de vista a escola ensina não ter vergonha de suas raízes, porém é a única opção de um aluno sair do campo para cursar uma faculdade na cidade!
Catarina Paraguaçu 17 anos	Não respondeu à pergunta.
Karl Marx 17 anos	Ela me influencia em sair, pois como eu desejo cursar uma área que tem mais haver com a cidade ela me influencia a correr atrás desses desejos e sonhos.
Anita Garibaldi 14 anos	Na minha opinião ela não influencia ela nos deixa livre para decidir o que é melhor para cada um.
Ana Montenegro 25 anos	Incentiva e mostra para jovens que no campo a muitas oportunidades, hoje como professora também realizo meu desejo de ficar e ajudar essa juventude que tá vindo aí.
Bertha Lutz 17 anos	Não respondeu à pergunta.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

A escola deve promover uma educação transformadora e com equidade, exercendo um papel social de educação e emancipação de indivíduos.

O professor funciona como um mentor ajudando estudantes construir um projeto de vida que possa vir ao encontro com seus sonhos e objetivos, resumindo observamos que a escola exerce um papel fundamental na vida dos estudantes.

Paulo Freire que é considerado um dos mais importantes educadores brasileiros defendia a importância da educação como ferramenta de libertação e empoderamento das pessoas, o mesmo acreditava que a educação deve ser participativa e dialogada, e que cada indivíduo tem o direito de sonhar e buscar realizar seus sonhos.

Neste caso observamos que o Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara vem exercendo um papel fundamental e importante na valorização da cultura dos povos do campo e de suas origens. Tanto os que desejam permanecer quanto aqueles que desejam sair tem ciência de sua vivências e de suas origens, e sabem da importância dos povos do campo para a sociedade, a escola não os obrigam a permanecer, mas mostram que muitas vezes não precisam sair do local de onde nasceram para terem uma vida boa ou futuro.

Os jovens relatam que a escola os ensina a serem pessoas melhores solidários e a não terem vergonha de suas raízes, observamos através dos relatos que alguns jovens tem a

pretensão de sair para cursar o nível superior e voltar para comunidade e outros não, mas deixam claro que jamais esqueceram de onde saíram e dos valores construídos com suas famílias. Dessa forma a escola forma jovens conscientes e preparados para uma vida em sociedade, em busca de mais igualdade e respeito.

FIGURA 19 - Desfile 07 de Setembro: Foto do carro construído para representar a Educação do Campo, desfile 07 de setembro.



Fonte: Eduarda Carvalho Camargo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo não está tão isolado, ele está cada vez mais próximo, a classificação que é realizada no Brasil, onde diferencia rural e urbano, por muito tempo tem sido distorcido, já que áreas rurais são convertidas em urbanas, apenas por possuir instalações públicas. Ao debruçar sobre a juventude rural, é discutido que muitos motivos geram o comportamento de partir do campo, mas nos últimos anos tem aumentado a permanência no campo, sendo uma das causas atrelada a Educação do Campo, mais precisamente, a focada na alternância, além da participação política dos jovens, tudo isso, tem favorecido a permanência e o desenvolvimento da comunidade, vale ressaltar e reforçar que o protagonismo jovem nas decisões da comunidade podem contribuir ainda mais na permanência e desenvolvimento da comunidade. Pois, diferente do que muitos acham ou até mesmo, a mídia expõe, a juventude rural não é passiva de ações, lutas e participação em movimentos sociais e políticos.

A Educação do Campo foi construída a partir de muita luta, resistência e práticas educacionais que com o passar dos anos, contribui para a permanência da população em suas comunidades. E essa população camponesa que é responsável pela produção de boa parte dos alimentos que temos em nossas casas, sendo produtos agrícolas e não agrícolas como artesanato. Logo, a Educação do Campo, não só contribui para o desenvolvimento humano, mas também garante uma agricultura sustentável com alimentação saudável e qualidade de vida.

A chegada do MST ao Estado de Mato Grosso pode ter sido tardia em comparação a outras estados, mas em dois anos de existência já foi possível conquistar terras para as famílias. Já o Assentamento Antônio Conselheiro foi fundado com mobilizações ao INCRA no ano de 1998, em uma área que engloba três municípios, sendo um dos maiores da América Latina, mas que ainda carece de políticas públicas visando os jovens do campo em sua permanência. O C. M. E. Che Guevara passou de responsabilidade entre estado e município, passou de escola de palha, madeira até a atual alvenaria com uma matriz curricular que abrange tanto o currículo da Base Nacional Comum Curricular quanto o currículo diversificado que a Educação do Campo preconiza e carece.

Mesmo as entrevistas terem sido realizadas durante o período da pandemia de covid-19, foi possível obter e analisar as perspectivas dos jovens da comunidade no assentamento. Os jovens que ali vivem, relatam gostar de viver ali e traçam os seus projetos de vida com a ambição de continuar na comunidade futuramente. Favorecendo a permanência no campo, relatando que é devido a tranquilidade e família, todavia, não é abordado sobre as oportunidades que são oferecidas, sendo um dos grandes incômodos dos jovens, a falta de

políticas públicas voltadas para o campo, acesso ao nível superior, assistência médica, infraestrutura, acesso ao lazer e meios tecnológicos.

O C. M. E. Ernesto Che Guevara tem atribuído aos jovens do campo a valorização da cultura dos povos do campo, assim como as suas origens, desde o acesso a escola já são imersos nas vivências e origens, mesmo que queiram futuramente partir ou ficar no campo. Através das entrevistas foi possível verificar que os jovens se autoavaliam como pessoas melhores, e que está atrelado ao período de desenvolvimento inserido Educação do Campo em alternância.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jadielma Barros; FERNANDES, Saulo Luders; MESQUITA, Marcos Ribeiro. Produção de Subjetividade e Militância Política dos Jovens do Movimento Sem Terra no Semiárido Alagoano. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 10-29, 2021.

_____. A questão agrária no Brasil. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ARROYO, M. G. Tempos humanos de formação. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, p. 733-740, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 214 p., 2004.

ASSUNÇÃO, Adenilso dos Santos; CAMACHO, Rodrigo Simão. Educação do Campo E Resistência Camponesa: a práxis pedagógica emancipatória, dialógica e em alternância da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR). **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 24, n. 1, p. 85-112, 2023.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **Juventude rural enquanto ator político e a reivindicação pelo “acesso à terra” no Brasil**. In: XVII Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre. 2015.

BENJAMIN, C.; CALDART, R. S. **Projeto Popular e Escolas do Campo**. Brasília-DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, 2ª Ed.: setembro 2001.

BEZERRA NETO, L. Educação do Campo ou educação no campo? **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 10, n. 38, p. 150-168, 2010.

BEZERRA NETO, Luiz; BEZERRA, Maria C. dos S. Educação do Campo: Referenciais teóricos em discussão. **Revista Exitus**, Pará, v.01, n.01, Jul./Dez. 2011, p.93-104.

BIEGER, Tamires; GONÇALVES, Thaís Arrué Melo; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Comunicação E Sucessão Rural: Um Olhar Sobre A Agricultura Familiar. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 4, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Nova LDB (Lei no 9394/96). Rio de Janeiro: Qualithmark Editora, 1997.

BROWN, A.; DOWLING, P. **Doing research/reading research**: a Doing research/reading research mode of interrogation for teaching. Londres: Routledge Falmer, Londres, Inglaterra: Falmer Press, 186 p., 2001.

CALDART, R. S. **A Escola do Campo em Movimento**. In: BENJAMIN, C.; CALDART, R. S.; Projeto Popular e Escolas do Campo. Brasília-DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, 2ª Edição: setembro 2001.

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. Brasília: MDA, 2008.

CALDART, Roseli S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trab.Educ.Saúde**, Rio de Janeiro, v.7 n.1, p.35-64, mar./jun.2009.

- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento**. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, p. 548-555. 2012.
- CALDIN, C. F. **A função social da leitura da literatura infantil**. Encontros Bibli, Florianópolis, n. 15, jan./jul. 2003.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 15, n. 2, p. 45-65, 1998.
- CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva**. Mauad Editora Ltda, 2007.
- CASSIN, Marcos; BOTIGLIERI, Mônica Fernanda. **“Mundialização, o novo rural brasileiro e a educação”**. In: LUCENA, Carlos (org.). Trabalho, Precarização e Emancipação Humana. Campinas: Alínea, 2008.
- CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. 694 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. Terceira sessão: balanço e perspectivas. **Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X**, p. 128-135, 2007.
- COOKE, W. A foundation correspondence on action research: tion correspondence on action research Ronald Lippit and John Collier. The University of Manchester, Manchester. Disponível em: . Acesso em: outubro. 2020.
- CROMARTIE, John; BEALE, Calvin; MONTEIRO, Maria José Cyhlar. População rural se recupera nos anos 90. **AgroANALYSIS**, v. 17, n. 3, p. 7-9, 1997.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica no Brasil. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 168-200.
- DEON, A. R.; CALLAI, H. C. A educação escolar e a geografia como possibilidades de formação para a cidadania. **Revista Contexto & Educação**, v. 33, n. 104, p. 264-290, 2018.
- FARIA, Guélmer Júnior Almeida; FERREIRA, Maria Da Luz Alves; DE PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha. Exôdo Rural Feminino: Gênero, Ruralidades e as Razões e Consequências da Migração da Juventude Rural Feminina. **Revista Grifos**, v. 28, n. 47, p. 98-120, 2019.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. 344 f. Tese (Livre-Docência em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2013.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST (1979–1999)**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo. São Paulo-SP, 318f., 1999.

- FERNANDES, Saulo Luders. Revisitando os saberes psicológicos: Reflexões por uma psicologia do campo. **Cadernos de Subjetividade**, n. 16, p. 85-102, 2014.
- FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, p. 245-257, 2009.
- FERREIRA, Sandro Francisco. **A Escola Estadual Paulo Freire do Assentamento Antônio Conselheiro: uma escola viva em construção**. Monografia (Graduação) em Licenciatura em Educação do Campo - Universidade de Brasília. Planaltina-DF. 62p. 2013.
- FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- GERVAZIO, Wagner; BATISTA, Eliane; CAVALCANTE, Luciano dos Santos. O Êxodo Da Juventude Camponesa: Campo Ou Cidade? **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 4, 2014.
- KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**, v. 20, n. 39, p. 201-220, 2013.
- LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**, 5 ed., São Paulo: Atlas, 2003.
- LANDINI, F. (Org). **Hacia una psicología rural latinoamericana**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- LIMA, K. M. D.; SILVA, J. E.; ALVES, S. M. C. Pedagogia da Terra: uma concepção omnilateral de formação humana e profissional. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.
- LIMA, M. T. T.; CAVALCANTE, L. V. Questão agrária e ensino de geografia: representações sobre o agronegócio na chapada do Apodi, Ceará. **Revista Geosaberes**. V. 10, n. 22, p. 189-208, 2019.
- LOPES, Leandro Gomes Reis; CARVALHO, Denis Barros de. Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.
- MAIA, Ana Heloisa et al. Jovens rurais estudantes da Escola Estadual Jaraguá, Água Boa (MT): projetos de vida, dilemas e sucessão familiar. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, v. 12, n. 2, p. 97-117, 2018.
- MARTINS, Leonardo Rauta. Juventude rural no Brasil: referências para debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 29, n. 1, p. 94-112, 2021.
- MARTINS, Leonardo Rauta. **Permanecer no campo como projeto de vida de jovens rurais**: experiências de formandos e egressos de Escolas Família Agrícola no estado do Espírito Santo. 2019. 229 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- MARTINS, Leonardo Rauta. **Permanecer no campo como projeto de vida de jovens rurais**: experiências de formandos e egressos de Escolas Família Agrícola no estado do Espírito Santo. 2019. 229 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO, M. N.; TEIXEIRA, O. B. Educação do Campo: fruto de uma luta, esperança de transformação. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.
- OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade**: um estudo em escolares com dificuldades em leitura e escrita. Tese de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- OLIVEIRA, Iolanda Lopes; MIORIN, Vera Maria Favila; STURZA, José Adolfo Iriam. Da luta “pela” terra a luta “na” terra: a trajetória dos assentados de Zumbi dos Palmares, Mato Grosso. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 2, p. 316-316, 2020.
- OLIVEIRA, T. D.; COPATTI, C.; CALLAI, H. C. A educação na constituição do sujeito: reflexões numa perspectiva cidadã. **Itinerarius Reflectionis**, v. 14, n. 2, p. 01-13, 2018.
- PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar** – renúncia à Educação. São Paulo: Xamã, 2001.
- PERES, F. M. DE A.; BARBOSA, E. A. Projetos de vida e educação de jovens rurais: implicações do campo em suas escolhas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 20, n. 3, p. 117-130, 22 nov. 2018.
- PINHEIRO, Regina Cláudia. **Leitura**: teoria e prática. Fortaleza: SEDUC, 2006.
- PRADO, Jr. Caio. **História Econômica do Brasil**. 39 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RABELLO, Diógenes; DE OLIVEIRA, Luciano Benini; FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 15, n. 1, 2014.
- REDIN, E.; DA SILVEIRA, P. R. C.; GUIMARÃES, G. M.; DOS SANTOS, V. F. Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICs. **Signos do consumo**, v. 5, n. 2, p. 225-244, 2013.
- REDIN, Ezequiel; SILVEIRA, PRC da. Juventude rural: experiências e perspectivas. **Educação rural no mundo contemporâneo**, v. 1, p. 175-208, 2012.
- REIS, M. N.; MURTA, G. J. Educação do Campo: discussões sobre cultura, currículo e políticas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 198, p. 91-99, 2017.
- RIBEIRO, S. C. F. **Formação humana no MST: educação para e pelo trabalho**. In: V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, Educação e Emancipação Humana. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2011.
- ROCHA, Lucimeire Barreto. **Questão agrária no Mato Grosso: histórico do agronegócio e do MST**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal da Fronteira Sul. Veranópolis-RS, 46f., 2017.
- SCHWENDLER, S. F. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

- SEOANE, José (Compilador). *Movimientos sociales y conflicto em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.
- SQUAREZI, Sandro Benedito. Economia solidária e agroecologia: juventude camponesa e projetos produtivos em assentamentos de reforma agrária. **Guaju**, v. 4, n. 1, p. 25-42, 2018.
- SILVA, Nardel Luiz Soares et al. O jovem rural e as perspectivas da sucessão nas propriedades de agricultura familiar. **Ciências Agrárias**, p. 36, 2017.
- SILVA, Thaís Vasconcelos; QUEIROZ, Tadeu Miranda; GALVANIN, Edinéia Santos. Uso da terra no assentamento Antônio Conselheiro no estado de Mato Grosso. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 40, p. 35-44, 2017.
- SILVA, Natália Corrêa Costa; DORNELAS, Myriam Angélica. Sucessão na agricultura familiar: permanência de jovens no meio rural sob a ótica de pais agricultores. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 82402-82417, 2021.
- SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. Trad. Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SOUZA, Angelica Gonçalves de. **Cultivo da poia na região do Assentamento Antonio Conselheiro: buscando na história uma opção atual de agricultura**. Monografia (Graduação) em Licenciatura em Educação do Campo - Universidade de Brasília. Planaltina-DF. 92p. 2013.
- SOUZA, Angélica Gonçalves, **O Papel Do Mst No Processo De Formação Continuada De Educadores Do Campo: Um estudo das intencionalidades formativas que emergem a partir dos encontros de educadores da reforma agrária no MT- Assentamento Antonio Conselheiro**. Dissertação de Mestrado, Faculdade Intercultural Indígena – UFGD, 2022.
- TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.7, n.14, p.1-23, ago.,2012.
- TONET, I. Educação e formação humana. **Ideação**, v. 8, n. 9, p. 09-21, 2006.
- VALADARES, Alexandre Arbex; FERREIRA, B.; LAMBAIS, G. B. R.; MARTINS, L. R.; GALIZA, M. Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**, p. 59-94, 2016.
- VIGANÓ, Caroline. Diagnóstico acerca da juventude rural na agricultura familiar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 14, n. 1, 2019.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Problemas do Desenvolvimento da Psique**. v. III (Obras Escogidas). Madrid: Ed. Visor, 1995.
- WANDERLEY, M. N. B. **Vida no Campo e Projetos para o Futuro**. Recife: Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, 2003.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. **Juventude rural em perspectiva**, p. 21-33, 2007.

WOLFART, Cíntia; RIBEIRO, Marcos Vinícius. O “Adestramento” da Juventude Rural: o modelo educativo da extensão rural para a reprodução do capital. **Periferia**, v. 13, n. 2, p. 275-302, 2021.

APÊNDICES

Apêndice 1. Instrumento/roteiro de entrevista utilizado.

1. Nome do Jovem:
 2. Qual sua idade e sexo?
 3. Qual formação escolar?
 4. Qual sua cor?
 5. Qual profissão exerce atualmente? Se sente satisfeito? Desejaria ter outro trabalho porque?
 6. Seus pais nasceram a onde?
 7. Qual a profissão de seus pais? Eles têm acesso a terra para plantar o que deseja?
 8. Você nasceu na comunidade ou veio para a comunidade?
 9. Há quantos anos mora na comunidade?
 10. Tem pretensão de fazer faculdade?
 11. Como é sua vida aqui? Suas atividades, o dia-a-dia?
 12. Como imagina sua vida daqui 10 anos?
 13. Quais os motivos para você ficar na comunidade?
 14. O que mais gosta? E o que menos gosta? Por quê?
 15. O que é felicidade?
 16. O que é Vida Boa?
 17. O que é qualidade de vida?
 18. O que é oportunidade? E quais você deseja ~~ser inserido~~ ou que façam parte de sua vida?
 19. Existem dificuldades em morar no campo? Quais?
 20. Participa de algum coletivo, como movimento social, religioso, político... se sim qual ou quais?
- Qual influencia que a escola exerce sobre seu desejo de partir ou ficar no campo?